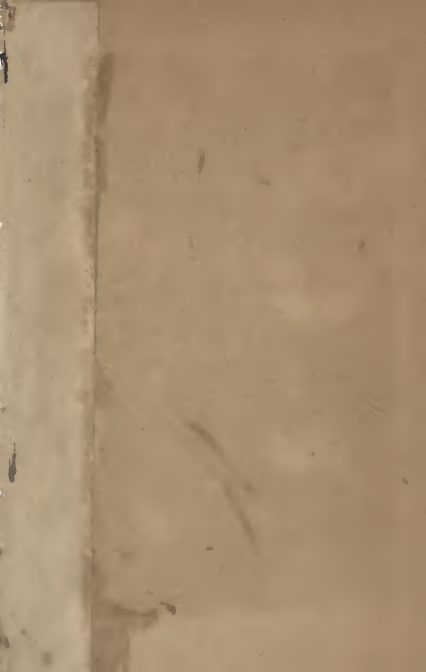




3592



L.

3.592

16
6
96

NOVA ESTHER EM PORTUGAL.

Poema, que á Rainha Santa Isabel, Mulher do Senhor Rei Dom Diniz, Fundadora do Ducado de Bragança, Protectora do Reino Portuguez, Primeira Fundadora, e Commendadeira da Respeitavel Ordem de Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador, Defensora de Coimbra na funesta invasão dos Francezes em 1808 - 1811, Mãe dos pobres, Madrinha dos afflictos, Amparo dos desgraçados; (cujo Corpo certamente está inteiro no Real Convento de Santa Clara de Coimbra ha 475 annos.)

CANTA

JOSE' MANOEL CHAVES,

Medico do Partido da Villa de Grandola, Comarca de Setubal Natural de Val de Telhas, Comarca de Moncorvo.



LISBOA:

NA IMPRESSÃO REGIA. Anno 1819.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

Vende-se em Lisboa na Loja da Impressão Regia na Arcada, e na de João Henriques na rua Augusta; e outras de Chiado, e Almas; no Porto na da Viuva de Alvares Ribeiro junto aos Loios; em Coimbra na de Aillaud; em Faro, Chaves, Elvas, Braga, Evora, Bragança, e Lamego, na dos Livreiros; no Rio de Janeiro na de Manoel Mendes do Rosario; em Madrid, e Sevilha onde compete.

Manum suam aperuit inopi;
Et palmas suas extendit ad pauperem
Proverb. 31.

Mái dos pobres, Madrinha dos afflictos,
Compadecida d'ais, fomes, e gritos

Nota do Author.

Foi esta historia extrahida da que em prosa
escreveo o Excellentissimo e Reverendissimo D.
Fernão Correa de Lacerda, Bispo do Porto em
1680, por mandado do Senhor D. Pedro, então
Regente Principe de Portugal, depois logo da
trasladação da Rainha Santa, do Convento velho
para o novo de Coimbra.

Permitão-me os Sabios a satisfação de lhes ex-
pôr, que fallo neste Poema mais pelas bocas da
natureza, que da arte; pois não excedo as balizas
de curioso: ha palavras em que humas vezes, ou-
tras não, uso da *endllage*, *sineresis*, *sincope*,
synalepha, conforme me pareceo mais elegante
a medição do *Epico*; imitando nisto ao *Oriental*
Camões da Poesia Portugoeza.

IN ACROSTICHIS.

R	En decus Hesperiae nunc Cantus dicere voce . . .	R
L	. . . Lusis auxilium, tento: (<i>decebra Rachel!</i>) . . .	L
I	Illam Mater Patriae nostrae Elisabetha canenti . . .	I
S	. . . Sal mihi praebet enim versus irare meos; . . .	S
A	Alta quae bona mente mea nunc dicere gratam . . .	A
B	. . . Blanda Rebecca mihi est, sicut amore Jacob . . .	B
E	Excitat, ut Laeti pleno cantemus ab ore . . .	E
T	. . . Talia facta metro; quanta quae lingua sonat . . .	T
H	Hesperiae Stella ex Lusis tunc scandit in Astra; ah!	H
A	. . . Ah! Loca tum novit Lucida Stella sua . . .	A
S	Stat super Astra ubi sic Sanctis datur Aula perennis . . .	S
A	. . . Astra, quibus solum fixit in Orbe Jehova . . .	A
N	Nulla putredo venit Nostrae per Lumina Titan . . .	N
C	. . . Carae Reginae; plaudite caelitus hoc . . .	C
T	Tandem Lusis, vobis quanta bona alta refundunt . . .	T
A	. . . Astra; per istam dant ex bonitate sua. . .	A

A' SERENISSIMA SENHORA INFANTA
D. ISABEL MARIA,
MUITO HUMILDEMENTE CONSAGRA ESTE POEMA
NOVA ESTHER EM PORTUGAL
VIDA DA RAINHA SANTA ISABEL,

O AUTHOR.

VIVA A SENHORA INFANTA D. ISABEL MARIA
Vós Augusta no Ceo fostes nascida
Isabel já Sagrada a Portugal:
Vós Estrella em flor já convertida
A' terra cá desceste occidental
Alto Ceo menos tem huma Luzida
Strella: a terra tem mais huma flor tal;
Então os Portuguezes vos acclamãrão,
No Ceo os Anjos lá todos cantãrão
Huma Rainha Nova Portugueza
O Ceo vos baptizou á Lei fiel;
Rio-se o Ceo; Sol brilhou com tal fineza;
Ao Baptismo veio Anjo Miguel:
Em dia tal de Julho vossa Alteza (*).
Ir ao Ceo sabe sim sua Avó Isabel
Não duvido eu pois, que a Rainha Santa
Fosse por vós pedir: Feliz Infanta!
Ah! Portugal ditoso vem gozar
Nas áras do Deos grande tua ventura:
Tu verás a seu tempo vir reinar
Alta Infanta Isabel na Dictatura:
Do Brazil, Portugal, e todo o mar
Inda verás Isabel lôr a Pretura:
Zomba o Ceo do inferno quando Jove
A Portugal misericordias chove,
Benigna pois, Senhora, recebei
Eu vos peço esta minha *oblação*,
Louvores de Isabel vós protegei,
Meus versos amparai nesta *Cantata*,
A vosso servo tal favorecei,
Real Infanta Lusa já beata:
Indo-me vós, Senhora, a ser Madrinha
Ainda vós sereis huma Rainha.

(*) S. Isabel nasceo em 1271, morreu em 4 de Julho de 1336: e em 4 de Julho de 1801 nasceo V. Alteza, que he 20 vezes neto da S. Rainha 330 annos antes. Ignorava-se o dia do seu nascimento.

P O E M A.

Solta-me, ó Musa, teu ardor sagrado;
 Minha me diviniza natureza;
 Para que em alto verso sublimado
 Esta possa eu cantar celeste empreza;
 Ferindo a Lyra a dedo delicado;
 A cythara pulsando com destreza;
 Para que Portugal e todo o Orbe,
 Vejam quanta Isabel virtude absorbe:

Canto d'huma Celeste Heroína Augustã;
 Que existe lá no Ceo, e cá na terra
 Huma penosa vida que lhe custa
 Tenebrosa no Mundo soffrer guerra;
 No Ceo brilhando está sua Alma justa;
 Entre nós incorrupta ella s'encerra:
 Nas cifras estampando que descrevo
 De seus trabalhos hum fiel relevo.

Meu canto a Isabel lá s'encaminha,
 Isabel d'Aragão casta Donzella,
 Sexta de Portugal nos foi Rainha,
 Cidade de refugio forte e bella:
 Qual hum Monte Sião nossa Madrinha,
 E na Callobriga o Sceptro eneapella: (1)
 Todo me ajuda tu Genio alado
 Para cantar da Heroína vida e estado,

A vós Senhora ó Mãi universal
 Pelo Eterno da culpa preservada
 Na Graça antes dos Orbes eternal
 Recorro qual Madrinha Advogada,
 P'ra que esta empreza fique perenal
 Em louvor d'Isabel Rainha amada:
 Seja meu canto, vindoura Memoria,
 Hom clarim afinado desta historia.

O' vós, que sois da Sciencia clara Fonte,
 Da Musa me soltai liberal Dique
 Guiai todo o meu giro no horizonte
 Da historia; e Lisia mais certa fique,
 Este que canto ser da graça Monte,
 Mais alto que o d'Afonso em Ourique;
 Minhas vozes sem vós são toco métro
 Que cythariza meu grosseiro pléctro,

Se sois vós bella Aurora sublimada,
 Mensageira de Christo, Sol Divino,
 Precursora da Graça desejada,
 Que trouxeste no ventre a Deos Menino;
 Que antes do principio fostes creada,
 Sede Estrella a meu verso peregrino;
 Pois Igreja canta na Ladainha
 Sereis de Christo Estrella matutina.

A vós, Ente Supremo, Auxilio imploro;
 Seja vosso Saber Alto Mecenas
 Pois tão humildemente aqui vos oro,
 P'ra com as altas sim cantar Camenas
 Virtodes d'Isabel, que tanto adoro
 Recitadas em minhas Cantillenas;
 Cale-se a Cythara fina Mantuana;
 Pois a minha por vós he mais Sob'rana.

E tu, Lacerda Bispo justo, e Santo;
 Que do Ceo gózas Bemaventurança,
 Que á vista d'Isabel possues tanto,
 Dirige de meus versos governança;
 Da tua Prósa pois eu sigo o canto,
 Tu escreveste mandado; eu, por bonança:
 N'Aula Celeste lá dos diamantes
 Pede que versos meus fiquem galantes.

Isabel d'Aragão Augusta Infanta,
 Dos Reis Pedro e Constança Augusta Filha;
 Çaragoça foi patria desta Santa,
 Mais brilhante por esta maravilha:
 Nasceo no Paço Monro esta Atlanta;
 Todo o Mundo p'ra o Justo he pouca Ilha!
 Foi Era de seu Alto Nascimento
 Annos scenta e hum mil e duzentos.

Nasceo involta sim nas secundinas;
 Que fóra, se pensou, por grão Prodigio,
 Para se não romperem as cortinas,
 Que por honesta cobrem-lhe os vestigios;
 Pois puras daria obras crystalinas:
 Foi este lá da Graça o frontespicio;
 Estas se guardáo pelles mysteriosas,
 P'ra serem reputadas prodigiosas.

A Santa Isabel Rainha d'Hungria,
 Resplendente Farol de Santidade;
 Era d'Aragoneza Isabel Tia,
 Assim Nome = Isabel = lhe foi beldade;
 Das virtudes *Esther* se chama guia,
 Simbolo *Susana* de Castidade:
 He pyra de Crystal, Zaphir brilhante,
 Que o Zimbório Celeste deo flamante.

Vivia Jaime Avô mui desgostoso
 C'o Rei seu Filho Pedro por casar-se
 Sem seu consentimento decoroso ;
 Mas levando lá a Neta a hospedar-se
 No Paço ; mui alegre e primoroso
 Bem a vio de virtudes adornar-se ;
 Disse então = Minha Neta Arogoneza
 A ser inda virá Santa Princeza.

Profeta Jaime , velho venerando
 Quem diria que tanto acertavas ?
 De Lisia altô Padrão bem conservando
 Tu della no semblante o bem mostravas ;
 Contra os vicios e culpas triunfando
 Torre de Santidade annunciavas :
 Tobias tem menino as acções Santas ,
 Por isso quando adulto elle fez tantas.

A S. Francisco foi bem offereida
 Por ti, Rico Jaime, na tenra idade,
 Por isso a bella açuceña florida
 De Francisco seguio a caridade ;
 Nas virtudes modelo era a vida ;
 Qual Aurora que mostra claridade ;
 Vaporando daquella humilde fragoa
 Ser esmoler por d'os pobres haver mágoa.

Já os vôos então d'aligera Dama ,
 Nos pélagos do vento navegando
 Publicão aos Orbes Magna Fama ,
 Que desta Santa Heroína vão prégrandó ;
 Virtudes o clarim suas aclama ;
 Toda a Hespanha altos hymnos vai cantando ;
 Imitando ella assim ao bom Josias ,
 Que igualava a idade de seus dias.

Mãe dos pobres ella era assim chamada
 Na Iberia Região Aragoneza;
 Dos afflictos Madrinha assignalada,
 E dos mui desgraçados grão defeza
 Pelo Conego d' *Auxerre* he tratada;
 Nos *Seculos Christãos* esta Princeza:
 Isabel por *Jehova* grande Imperio,
 Gloria de *Hespanha* e do Luso Hemisferio.

Seu Pai Pedro altamente advertindo
 Tantas virtudes em tão tenra idade
 Foi com luz clara a par mui bem sentindo,
 Que era do Ceo prodigio esta beldade;
 E que por tanto a *Hespanha* iria abrindo
 A' Lusa Casa Real felicidade:
 Tu, ó Pedro, não não não t'enganaste
 Pois ás *Losas* quinas *Barras* juntaste.

Os inclitos Lauréis da Santa Fama,
 Que a *Trombera* sonora tão bem spalha,
 Fizerão em taes Reis ardente ghamma,
 Qual bomba recheada de metralha;
 Cada qual em desejos bem s'inflamma,
 Para haver por Esposa esta medalha;
 Mas *Jehova* lá por graça elle só quiz
 Que fosse seu Marido *Dom Diniz*.

A Pedro a saudade lhe era dura,
 Ir-se Isabel de sua companhia
 Qual de *Rebêca* tal tem a ternura
 Os seus, quando *Eliezer* a conduzia:
 Mas *Diniz* o hymeneu tinha em doçura
 Por lisonjas d'amor que o accendia:
 Ah! Duro Amor que hymeneo sagrado
 Em duros ferros tem a prisionado.

Razões fortes lá houve em Consistorio,
 Do Luso *Diyan* mui interessantes;
 A formosura lá do Alto Emporio
 Virtudes d'amor, laços tão constantes
 Fundarão em Diniz o peditorio
 Da Donzella Real ao Pai amante:
 Não captivou *Rebéca* por formosa
 Quantu por activa e virtuosa.

Logo voarão tres Embaixadores
 Ao Excelso Monarca, d'Aragão,
 A pedir-lhe elevados como Açores
 D'Isabel a nevada e Regia Mão;
 Anres que outros mais tres contendores
 Primeiro algum pedisse d'antemão:
 Principe de Navarra tinha esp'rança
 Outro do Impetio mais; Delfim de França.

Aqui *Plutão* nas inferas moradas,
 Que lhe lava o soberbo *Pblegetonte*,
 Atiçou o *Cerbéro* em garrochadas
 C'os latidos acorda o grão *Charonte*:
 Levantão-se lá as infernaes siladas
 Impedir querem d'Isabel a frente:
 Levanta-se o inferno em borbolhões
 Todos vem a Arago em trambolhões.

Não queria *Plutão* que Portugal
 Tão virtuosa Princeza bem lograsse;
 Porém queria que o leito conjugal
 Cá se não erguesse, antes s'acabasse;
 Mas de Christo a Fé antemural
 Pelo infernal *Plutão* s'anniquilasse:
 Mas Pedro desprezoo do inferno os rogos;
 Ouvindo a Embaixada por bons modos.

O Rei Pedro n'hum Throno sublimado
 Recebe os Heroes com pompa Sob'rana;
 Reverentes lhe intimaõ o recado,
 Que do Principe lá Diniz emana;
 Pedindo-lhe em hymeneu alto sagrado
 Isabel p'ra Rainha Lusitana:
 Impávidos com tal excelso aiento
 Lhe fallão com aspecto d'ornamento.

Excelso Rei, a quem a Lusa gente
 Por lingoas mil da Fama te venera,
 A quem todos tecem C'roa fulgente,
 Como Pai d'Isabel lá d'alta Estera;
 Este Astro se te pede tão luzente
 Benigno attende a quem tanto s'esmera;
 Diniz te supplica Isabel Infanta
 P'ra Leito Conjugal na Ordem Santa.

Pedro em suave aspecto Magestoso
 Agradecido a Rei Diniz responde;
 O que no coraçãõ mostrava gozo:
 A alegria no peito não s'esconde
 Portugal s'illumina venturoso
 Casa assim Neto hum d'Henrique Conde:
 Entãõ Portugal mais terá Altates
 Mais Templos o Mundo, Pregões os Ares.

Toda a Lisia em prazer alvoroçada
 Venturoso Diniz em gosto prêzo:
 Nunca tão bella foi a madrugada
 Nunca Phebo ornou tanto o carro accêzo.
 C'os luzeiros d'Aurora acafroada;
 Como entãõ deo a nova brilho e prêzo:
 Oh Celeste Lisia, celeste Ourique,
 Do Ar teu Cherubim lembrado fique!

Vasco Pires voltou-se p'ra Bragão ;
 Era elle hum dos tres Embaixadores ;
 Volante leva a Real Procuração
 Para d'Augusta haver Rainha das Flores
 De Santa Isabel virtuosa Mão ;
 São pois para Diniz do Ceo favores :
 Feliz Vasco outro bom Eliezero
 Quê Rebéca a Isic trouxe sincero.

Hum Padrão Barcelona levantaste
 Theatro tu Primaz do Casamento ;
 Feliz nos Annaes Iberos ficaste,
 Como lá d'alta Hespanha ornamento :
 No rosto o pudor da rosa observaste ;
 Mas n'alma, da açucena candor lento :
 Na Real te glória Primavera,
 Ficaste pois d'hum Sol luzida Esfera.

Despede-se Isabel dos Pais Augustos ;
 Suas vai de joelhos Mãos beijando ,
 Ficando lá impressos n'alma os Bustos
 Da saudade os raios scintilando
 Ausencia tal lhe dá motivos justos ,
 Da dor a spada tal desembainhando :
 Mas nestes d'ausencia apertados laços
 Amor lhe tece os ultimos abraços.

Adeos Pais ! Do Jehova Sacro o Destinõ
 Assentar-me decreta em seus Mandados ;
 Raios são taes do Ceo Clarão Divino
 Em Laminas de Jaspe eternizados ;
 Elles por vós entoem sacro hymno
 Por vós me abençoem espiritos alados ;
 Ah Portugal ! ó Throno Portuguez ,
 Por troncos d'ouro brilhas desta vez ;

Queria Pedro fosse conduzida
 Por Alto Oceano Mar Rainha-Novas;
 De Neptuno a catranca desabrida
 Então a amiga Thetis lhe reprova;
 E porque de Sancho era tão temida
 A guerra; as desordens lho desapprovão:
 Mas Sancho, e Rei Pedro s'amigarão
 Como Jacob, e Esaú bem s'abraçarão.

Vem o Pai sua Filha acompanhando
 Até ás Raias do Excelso Aragão;
 Aulica Fidalguia vem brilhando
 Bronzeas soão trombetas qual trovão;
 Do vento por diluvios atroando;
 Elles mudos; da luz fraca o clarão:
 Assim na despedida parecêrão
 Jónathas e David que emmudecêrão.

Quando de Phebo o raio luminoso
 No Equador o Carneiro retocava
 Subindo o Carro p'ra o Boreas Raivoso,
 Chega-se a Portugal quem lhe alma dava;
 Deixando o Cortez Sancho façanhoso,
 Que com sua Presença o abrandava:
 A Fama a Isabel culto levanta,
 E todos a Isabel acclamão Santa.

Entra por Bragança a primeira Pedra;
 Que deste Nome toma o seu Ducado;
 E já por cinco Seculos s'empedra
 Com que he o Throno Luso abrilhantado:
 A virtude em Isabel veceja e medra;
 Este Padrão alli deixa fundado:
 Veremos isto em quanto o alto Atlante
 As suas conservat pedras constante.

Havia já então nesta Cidade
 Do Serafim Francisco hum Grão Convento ;
 Que o Patriarca chagado por beldade
 Fundado tinha já o pavimento
 Passando a Compostella : o Santo Padre
 Lhe deo Instituto e Ornamento :
 Dos tempos o não postrão as pancadas ,
 Pois que por Deos lhe são bem reparadas.

Dom Jaime sé voltou para Castella
 Infante que a havia acompanhado :
 Em Trancoso se casa esta Donzella ;
 E vendo-a Diniz fica admirado ;
 Esta de Crystaes Pyra , esta Estrella
 Indica a Portugal feliz Reinado :
 Aqui lá d'alto Ceo a Benção Santa
 No mez de S. João recebe a Infanta.

Os Sectios dourados bem se virão
 Em Trancoso naquelle mez seguinte ;
 Clarins sonoros , Musicas s'ouvirão
 Festejos d'alta monta e requinte ;
 Os vivas o undoso ar ferirão ,
 Excedêrão por mais que a Fama pinte :
 Ditosa Lisia o Ceo te favorece
 Esta alta Protectora te ennobrece.

Passou a Coimbra onde as Magnas Festas
 A ella se fizerão mais brilhantes ;
 Onde timbales , sonoras orquestas
 Erão celeste esfêra de diamantes ;
 Os Coimbrezes sãgrão-lhe Florestas ,
 Matizando com flores os semblantes :
 Ah ! Alta Coimbra , tu Corpo lhe adora
 Pois podre não verás na Regia Flora,

Fúchas ardentes de Plutão irado,
 Rasgando a nuvem lá do fogo occulto,
 Em cadeiras de raios assentado
 Abrazar querem sim de Coimbra o vulto,
 Para que nunca o Ceo abrilhantado
 Consinta nos vindouros dar-lhe culto:
 Mas inteira se conserva ha quinientos
 Quasi annos resistindo aos Elementos.

Vai-te, Negro Plutão, e Companheiros,
 Furias lá do inferno, e mais harpias,
 Ministros diversos, e embusteiros,
 Vós negros Dragões lá das *Lethes* frias:
 Pois Coimbra terá sempre pregoeiros
 Que ao Santo Corpo fação honrarias:
 Porque elle s'ha de ver sempre incorrupto
 Horror do Jacobino marabuto.

De virtudes a rara maravilha
 Já bem lá nos onze annos se mostrava;
 Se do Thalamo então he casta filha,
 Qual a candida rola s'ostentava,
 Se era do Grão Diniz Esposa pupila,
 De Christo mais inda era Esposa amada:
 Nunca o esplendor da juvenil idade
 Manchou do hymeneu a castidade.

O tempo consumia e suas horas,
 Repartidas por tal regulamento;
 Que ella a Deos todo lá desde Aurora
 A alta noite dava em portento:
 Nas Missas altissimo Deos adora,
 Ao Sacerdote faz acatamento:
 Porque Melchisedéc he Sacerdote
 D'Abraham; por isso tem mais honra e doce.

Sendo a Missa acabada, ella rezava
 Psalmos, e Orações a' muitos Santos;
 As horas da Senhora recitava,
 De defuntos o officio varões tantos;
 De manhã, e nas vesperas tornava
 A' Capella Real ouvir os Cantos:
 Inda estimava mais de Deos a Casa
 Que o grande Throno seu em saia rasar;

Nem por isso ás obrigações faltava;
 Que são da Magestade alto officio;
 Benigna aos Povos ouvia, e fallava;
 A caridade-lhe era o Beneficio:
 Moysés com Deos no Monte conversava;
 Deos o mandou sosrer o maleficio,
 Que lá obrava o Povo no Deserto,
 E que fosse guardallo mais de perto.

Debaixo dos adofnos Magestosos,
 Com que a gentil Rainha era bem vista,
 Trazia huns cilicios espinhosos
 Nelles fazendo ao Ceo doce conquista;
 Rejeitando manjares saborosos,
 Sendo dos asperos só porcionista:
 Era tudo hum rigor e penitencia
 Dos manjares gostosos abstinencia.

Tres dias jejava na semana,
 Contentando-se só com pão e agoa,
 Creatura Angelica e não humana
 Nutre-se do Divino Amor na frágua:
 O Advento de Christo a inflamma;
 Por isso aos jejuns accresce a mágoa:
 Muitos jejuns do giro lá do anno
 Celebra, qual *Judith* a Deos Sob'zano.

Ao Paço muitas vezes vir mandava
 Treze pobres leprosos em segredo ;
 De joelhos qual Christo os pés lavava
 Este de Santidade alto Rochedo ;
 Com vestidos e esmolas os brindava :
 Oh ! que o gigante vê-se pelo dedo ;
 Mostra que n'alma lá tinha esculpido
 Dos pobres Evangelho encarecido.

As Damas lá ño Paço e Acafatas
 Matronas, todas mais outras Donzellas
 S'occupavão dirigindo a Deos Cantatas
 Sem que nadã de vão se visse nellas :
 Toda a acção era a Deos aceite *oblata* ;
 De Flores era o Paço huma Capella :
 Occupavão-se em ricos ornamentos
 Para as Igrejas pobres e Conventos.

Na quinta que se chama d'Endocnças
 Ella ás mulheres *Lavapés* fazia ;
 Angelica mostrava-lhe a Presença,
 Lavando-lhe seus pés n'huma bacia ;
 A ellas dava esmola de Real Tença
 Pois n'alma a Caridade bem lhe ardia :
 Lagrimas vertendo de pura mágoa
 Augmentando da obra Santa a agoa.

Destas huma mulher hum cancro tinha
 No pé, que mergulhou no Lavatorio,
 Fetido horrendo cheiro della vinha
 A todos os do Sancto Consistorio ;
 Beija a chaga Isabel Santa Rainha,
 O cancro logo sara inflammatorio,
 Se Moysés beijando o Senhor morreo ;
 Isabel beija a pobre, então viveo.

Das donzellas Isabel casamenteira,
 Para assim s'evitar do mal a Sorte,
 As orfãs amparava Padroeira
 E das nobres e doentes suppler fonte:
 As noivas enfeitava de maneira
 Que parecessem bem a seu consorte:
 Por isso se chamava Mãi dos pobres
 Principalmente dos que fossem nobres.

Nas Audiencias que dava esta Senhora
 Attendia mais que tudo á pobreza;
 Era eila das rendas distribuidora
 P'ra os pobres caridade tinha acceza:
 Vendo-a o Rei de rendas carecedora
 Certas terras lhe dá com mais largueza;
 Cintra, Porto de Mós, e mais Abrantes
 As Alcaidarias, Padrões bastantes.

Visitou d'Alcobaça o Santuario,
 Que huma Thebaida era nesse tempo,
 Deserto, e claustro penitenciaro,
 Do primeiro Affonso fundamento;
 Onde em hum venerando Reliquario
 Sempre exposto nos stá o Sacramento:
 Mas hoje a traidora Nação Franceza (2)
 A cinzas redozio esta Grandeza.

Em pôr na guerra, ou na discordia as pazes
 Virtude singular tem a Princeza;
 Os furores da Hespanha erão capazes
 Com Sancho ferir gente Portugueza;
 Pois que della seu Filho lançou bases
 Para nos pôr a Spanha guerra acceza:
 Mas os Pais ao Filho reprehendêrão;
 E vencido; em Arronches o prendêrão.

Alta Badajóz tu dize Hespanhola,
 Quando dentro em ti tu mesma viste
 Isabel a pedir da paz a esmola
 Entre Sancho e Afonso, que resister
 Então a Bandeira da paz tremôla
 Em teus muros: Arronches bem ouviste:
 Merece Isabel piedosa Marre
 Ter no brilhante Ceo hum Templo a parte;

De pazes Isabel mediãeira
 Sempre teve por timbre virtuoso
 Pessoas reconciliar guerreiras;
 Por tanto o negro inferno furioso
 Guetra lhe fez c'hum furia veleira,
 Que subio lá do lago tenebroso:
 Mas que era ella da paz o Santuario
 Igreja no-lo diz no Breviario.

Lá o Monstro infernal sagáz, astuto
 Vomita pois do baixo Achéronte
 Hum Furia, hum Centatro, hum homem bruto
 Pula a Coimbra rival com torpe fronte
 Entra no Real Paço o marabuto;
 Incendiado elle vem no Phlegetonte:
 Recebe-o Diniz como seu criado
 Sem pensar que elle tal era hum diabo

Mas como do inferno era a batalha,
 Os tiros a Diniz s'encaminhavão;
 Isabel infundida na baralha
 Sem saber que contra ella passos davão:
 Mas como de virtude era moralha?
 Nada temia dos que a malquistavão,
 Ah Diniz! Não te enganés como tento;
 Isabel te he leal no Mandamento?

Outro havia smoler hum bom criado,
 Que a Isabel sirvia mui modesto;
 Com virtudes brilhantes adornado
 Das Missas hum devoto muito honesto:
 Era smoler occulto despachado;
 Virtude que ha nos Grandes por *Aresto*:
 Pois que a Mão esquerda saber não deve
 A smola que com d'reita se concede,

O Pagem do diabo mensageiro
 Lá do outro invejando a feliz sorte
 Persuade ao Rei por ser crendeiro
 Que a Rainha Isabel sua Consorte
 Por torpe afeição dava-lhe dinheito
 A seu digno Pagem d'huma vil morte:
 Anjos puros scondei a vossa Face
 Pois padece *Eclipse* hum da vossa classe.

Isto o simples Diniz acreditou.
 O que o tal embusteiro lhe contava;
 Verdade saber não solicitou;
 Em colerica paixão se magoava;
 Em segredo hum Decreto praticou
 Ao Mestre que n'hum forno trabalhava;
 Que quando elle hum tal Pagem lhe mandasse
 Ao forno da cal logo o atirasse.

O Pagem d'Isabel lá foi mandado
 A'hora que Diniz tratado tinha;
 Innocente com fingido recado
 Ao Mestre do forno que cal tinha:
 Deos porém no castigo apressurado
 Livra o innocente Pagem da Rainha:
 Oh Ceo! oh eixos lá do Firmamento!
 Sustental do innocente o pensamento,

Do Paço para o fomo indo o Pagem,
 Tocar no *Convento* á Missa sentio; (3)
 E como lhe ficava na passagem
 A ella por devoto acudio;
 Duas ou tres Missas por vassalagem
 Antiga ao Sacramento elle ouviu:
 Deos Supremo Jehova que embargaste
 De Diniz a Sentença que riscaste.

Largo tempo gastou esta demora;
 Que deo a Diniz hum grande cuidado;
 Por isso vai acusador por fóra
 Saber do Mestre lá do outro criado:
 Mas como este na Missa gastou horas
 O Mestre s'enganou com tal recado:
 Lança mão deste vil acusador
 No fogo lança logo o adulator.

Vós, Senhor, que milhões moveis de mundos;
 Que do nada no principio os creastes
 Conservando-os nos ares tão profundos
 Do infinito *Céus* que fundastes,
 Pendentes d'alto Deo tão secundo,
 Oh! como ao innocente libertaste!
 P'ra Mardocheo patibulo armado
 Por *Amão*; este nelle he enfortado.

Diniz com pavor tal esmorecido
 Depois que vio com vida o innocente,
 E o adulator nas chammas submergido
 Grande mágoa lhe fica penitente;
 Da Rainha então respeita o devido
 De virtudes *Theatro* eminente:
 Nunca nos Paços falta adulator,
 Que na virtude não funde o horror;

Mas Diniz quer a Deos desenganar ;
 Das pasmosas virtudes da Consorte
 Parte aos Montes de Béja , vai caçar
 Os ursos ; porque não temia a morte ;
 Mas hum forte urso em terra o vai calcar
 Sem que elle a Diniz desse passaporte :
 Então recorre ao Bispo de Tolosa ,
 Este lhe apparece em voz amorosa.

Não temas , ó Diniz , que bem me imploras
 Do Monstro féro tal a força brava ;
 Elle com grandes forças s'afervora ,
 Mas teu punhal será fiel aljava
 E que elle te defenda nesta hora :
 Oh puxa o teu punhal lhe encrava ;
 Assim o Rei d'hum golpe despedaça
 A féra que montez lhe armou traçaça.

Sempre a conversa d'Isabel tratava
 Nos milagres que São Luiz fazia
 Hum Bispo de Tolosa , que admirava ,
 Varão Santo de rara Prelazia ;
 Ouvindo-os Diniz se consolava
 E na sua grande Fé todo elle ardia :
 Deste Bispo os milagres repetidos
 A alma lhe extasiavão e sentidos.

Diniz a Deos do Ceo graças rendendo
 Por haver da tal féra assim escapado ,
 Ficou bem com toda a clareza vendo
 Que lhe era d'Isabel tudo emanado ;
 Huma Capella grato vai erguendo
 Em Béja a S. Francisco inflammado ;
 E no Sepulchro seu lá de Odiveles
 Hum urso esfaqueado se modéla.

Desordens que entre os Reis se levantarão
 D'Hespanha e Portugal afortunado
 Ir Diniz e Isabel muito obrigárão
 A' Cidade da Guarda com cuidado:
 A discordia soava; mas quietárão;
 Isabel tudo deixa apaziguado:
 Ah! David p'ra a Saul bem applicar
 Generaes não; Levitas fez chamar.

Nascêrão as discordias novamente;
 Incendiou-se outra vez a nova guerra:
 Vai Diniz lá a Spanha de repente;
 Chega ás raias d'Aragoneza terra;
 Dá Isabel a paz á Iberica gente:
 O Ceo n'hum Templo d'ouro a encêrra;
 Aragão tu de Gala te vestiste,
 Quando outra vez tua Isabel viste.

Retirando-se os Reis á terra Lusa;
 E já havendo Constança falecido,
 Filha tal d'Isabel que o mundo escusa,
 Seu sentimento foi enternecido;
 É p'ra que nella gloria lhe reluza
 O caso contarei não desmentido;
 P'ra que a Isabel memoria se consagre
 Visto que bem se mostra ser milagre.

Na estrada de Pontevel em jornada
 Bem a Santa Rainha ouvio gritar
 Hum Ermitão, que muito s'apressava
 A fallar-lhe para haver de lhe intimar,
 Que por vezes em sonhos lhe fallava
 Constança; e o fizera lastimar;
 Pois que ella stava sim no Purgatorio,
 Para lhe ser de culpas lavatorio.

Clamores dava o Povo alvoroçado,
 E os da Companhia se admiravão;
 Desapparece o Monge figurado;
 Os ouvintes de pasmo s'inquietavão;
 Animo d'Isabel he suffocado;
 E Diniz e os demais ruidos ficavão:
 Oh Jehóva immortal com quanto brilho
 No mundo illustras d'Isabel o trilho.

Gritando o Ermitão tão altamente
 Que Constança lhe havia em sonhos dito,
 Recommendasse á Mãi Isabel vivente
 Hum anno de Missas bem exquisito
 P'ra do seu purgatorio vir ardente
 E a sala gozar do infinito;
 E que isto foi por vezes na Ermida
 Lá onde elle habitava em santa vida.

Porém disto zombando a Companhia
 (Pois sempre os mãos zombááo da virtude)
 Nas Praças' taes do mundo a ousadia
 Sempre dos Bons baixou a Magnitude;
 Dizendo que defunta só viria
 A Pessoa Real, e não a rude;
 Como se lá da Gloria o Santuario
 Só fosse p'ra os Monarcas relicario.

Ninguem conheceo tal Santo Ermitão,
 Nem que nos contornos Ermida houvesse:
 A elles pareceo-lhes hum Tritão
 Que Tritonia no lago mantivesse;
 Mas chegando a Azambuja a multidão
 Da gente; o Ermitão desapparece;
 Afflicta: Isabel Ermitão não vê
 Mas ser graça do Ceo muito bem crê.

Por tanto logo as Missas dizer manda
 Polo seu Fernão Mendes Capellão ;
 E nas azas dos annos que o tempo anda
 Sendo alta noite , tarde , ou de serão
 Em sonhos vê Isabel Constança branca ;
 Diz-lhe que lá sóbe à celeste Sião ;
 Assim as Missas bem subir deixarão
 Esta ; e os Anjos hymnos lhe entoarão .

As guerras lá por sua intervenção
 Entre os Reis de Sicilia , e de Navarra
 S'applacarão por certa convenção ,
 Em que o Papa metteo a mão bizarra ;
 Pois que o Mouro tomaria intenção
 Por Sicilia entrar , e pôr-lhe amarra :
 Tudo compôz Isabel Rainha Santa
 Suas Armas nenhum já mais levanta .

Trazendo sempre o animo elevado
 Ao Ceo ; em obras lá ao Ceo servia ;
 Por tanto vendo o Convento arruinado
 De S. Clara em Coimbra pertendia
 Reformar tal Padrão para o Ceo dado ;
 Qual Jardim de virtudes que servia
 Onde o seu tal sepulcro havia ser ;
 Como o tempo futuro deo a ver .

Ah *Caliope* , tu minha alma inflamma ,
 Pata cantar em verso sublimado
 Esta nova Jerusalem que chama
 Estas Santas Donzellas a seu lado :
 Coroa tu meus Cantos p'ra que a Fama
 Com penachos vá d'ouro bem dar brado :
 Pois nesta Clausura Sacras *Vestaes*
 De Portugal dirão inda os Annaes .

Em Coimbra hum bom Recolhimento stava,
 Que de S. João das Donas Nome tinha;
 Aqui pois ás Fidalgas elle dava
 Claustro onde bem virtude se mantinha:
 Houve Dona Major que consolava
 A Constança na morte mui Santinha:
 Recebe desta a recommendação
 Que á S. Francisco-tenha devoção.

A devota Major vem professar
 Na pobre Ordem do Serafim chagado;
 Com ricos cabedaes vai processar
 A grande obra que havia intentado;
 Expõem á Santa Rainha seu pensar;
 Approva-lho; e logo lhe he bem louvado;
 Então escolhe huma quinta junto á Ponte
 Para fundar o Claustro do São Monte.

Applica seus mui ricos cabedaes
 Esta Fidalga já lá Freira Clara;
 Funda o grande Convento que os Annaes
 Da Serafica historia contão rara:
 Por Escriptura eterna em termos taes,
 A' Ordem Clara dá esta obra chara:
 Disto Litigios alguns se praticarão,
 Mas as Senteenças tudo impugnarão.

Diniz e Isabel o coroário
 Com mais altas obras e galarias;
 Mas a primeira pedra elles lançarão
 Da nova Igreja lá por authorias:
 Aqui Donas virtuosas professarão
 E outras mais, e muitas Fidalguas:
 Alto Geometra, tu abalizaste
 Sepulcro d'Isabel que abençoaste.

Cantar eu vou com *Urania* celesse
 Das rosas o milagre bem sabido :
 Os Astros me abrilhantem Musa agreste
 Para ficar meu verso applaudido,
 N'hum milagre, que Santidade veste ;
 E que a Igreja tem ennobrecido :
 Trocarem-se rosas em ouro fino ;
 Rosas feitas em ouro crystalino.

Junto á Grá Portaria do Convento
 Encontrando Diniz a Isabel Santa ;
 Reparou no regaço corpulento ;
 Assim lhe perguntou por cousa tanta :
 Levava para os pedreiros pagamento
 Abre o regaço ; vio rosas, s'encanta ; (4)
 Ah Jehóva ! Nas bodas de Galiléa
 Agoa mudaste em vinho de Judéa.

Renova Isabel tal Edificio,
 Que esta Dona Major principiára ;
 Então hum Templo faz de frontespicio,
 Com que os seus holocaustos adorna ;
 Diniz outro levanta em sacrificio
 A Deos em Odiveas ; cousa rara :
 Já a nevada cabeça o desengana
 Que breve acabará vida mundana.

Diversa foi do Filho Affonso a sorte ;
 Pois pertendeo ao Rei tirar o sceptro :
 Parre á Spanha arrogante muito forte
 Foi de balde ; e de lá trouxe o Epiteto
 D'ingrato Filho mais cruel Mavorte ;
 Pois contra Portugal aguça o plectro :
 Junta grandes Esquadrões de Portuguezes
 Contra seu Pai Diniz por muitas vezes.

Guerra guerra bem lhe arma sanguinosa,
 Governando Diniz mui justamente;
 Isabel o reprende carinhosa
 Desvia-o por affagos brandamente;
 Os castigos temêo da Mão Pod'rosa;
 Pois *Decalogo* Sacro obriga urgente;
 Nelle se manda ao Filho honrar aos Pais,
 P'ra na terra viver huns annos mais.

Ao Ceo recorre esta Santa Heroína;
 Faz se' huma Procissão em Santarem
 Descalça, penitente, dá doutrina;
Santo Milagre leva-se tambem;
 Os Povos á penitencia inclina;
 Hostia Santa respeira-se mui bem;
 Mas Deos quiz a Isabel dar-lhe trabalhos
 Por isso permittio taes enxovalhos.

E como o Filho rendas não havia
 P'ra ãura contra o Pai sustentar guerra;
 Diniz erradamente discorria;
 Que Isabel os Theouros nelle encerta;
 O degredo a Alenquer lhe fornecia;
 E ás rendas dadas já, negação fêra:
 Ah Diniz! Para o Ceo debes olhar
 Lá stá pois quem te assim manda picar.

Excelsa Alenquer, tu mesma observaste
 Outro milagre igual das bellas rosas:
 Como ao Spirito Santo muito amaste
 Aqui a tal Igreja Magestosa
 Para decoro seu tu lhe fundaste;
 E della a seus obreiros muito airosa
 Dava rosas por paga só d'hum dia (5)
 Mas em peças d'ouro lhe apparecia.

Do Imperador aqui tal teve a Festa
 Origem; da Candea a Procissão;
 Isabel deste Ceo he a Floresta,
 Que institue de Deos por permissão;
 Solemnidades Santas com Orquesta
 Strondosas se fazem nesta occasião:
 P'ra ao Spirito Santo dar louvor
 Hum homem se figura Imperador.

Dois homens como Reis vestidos vão
 Com c'roas todos tres bem sublimados;
 Huma deo Isabel de valor grão;
 Estas lá no Altar são dedicadas
 Na cabeça dos tres tem seu brazão:
 Estas na Pascoa lá são consagradas
 No Magestoso Altar de S. Francisco;
 E primeiro he então praticar-se isto:

Assim lá vão ao Templo já fundado
 Do Spirito Santo ditos tres Reis taes;
 E Donzellas em bailes concertados;
 Segundo dizem da historia os Annaes;
 Dote de casamento então lhe he dado:
 Isabel vai casar as Virginaes:
 Desde a Pascoa até ao Sp'rito Santo
 Cada Domingo mostra-lhe outro tanto.

Então o Sacro volta Imperador
 Com festivos clarins acompanhado;
 Vem mais hum Pagem seu com Santo ardor
 De cera leva hum rolo accendiado;
 Fica aponta no Altar consagrador;
 Vai outra ao de *Triana* ser fixado:
 Todo o anno se accende esta Candêa,
 Qual Cirio *Pascal* que a Deos jumêa.

Ao Templo do Sp'rito se retirão;
 Vão benzer pão e carne d'animaes,
 Com que o tal Santo vado bem admirão;
 D'Isabel s'originão Festas taes:
 O que isto diz Annaes não imprimirão;
 Hoje disto mesmo ainda ha signaes;
 Hoje no Reino o mesmo se pratica;
 E a Donzella tal Imperatriz fica.

Varios houve milagres admiraveis
 Com a cerea candeia tão comprida
 Outros com muitas carnes agradaveis:
 Do Rei Duarte hum Cozinheiro subidas
 Lavaredas nos tachos vê notaveis
 Sem que o fogo as houvesse apprehendidas,
 Em seus Santos he Deos mui admiravel
 Por todos a virtude he sempre amavel.

Varias Terras tomou do Reino o Filho
 Da guerra os males fora mais crescendo
 Dôr tinha o terno Pai deste junquillo
 Pois elle o stava d'alma porção vendo
 Ou chorava, ou da guerra tinha o trilho
 Quasi todo seu Reino foi perdendo
 Assim magoado lhe manda Embaixada
 P'ra o conduzir á paz tão desejada.

Vistes vós Santarem, e Lumbiar
 Coimbra, Guimarães, e mais Leiria
 A civil guerra a Lisia incendiar
 E das Provincias toda a bizzaria:
 A Guimarães Isabel vai arribar,
 Larga então d'Alenquer a moradia,
 Ao Filho roga paz precisa e justa;
 Elle porém lha nega, e mais s'assusta.

C'hum Exercito o Filho vem armado
 Em Coimbra entra bravo e furioso,
 O Pai com outro Exercito alliado
 Sobre a Ponte pelejão mui fogosos;
 Huns lá morrem no Rio afogados,
 Outros de sangue em Lagos horrorosos
 Dos altos Paços lá Isabel olhando
 Sempre ao Celeste Paço as mãos alçando.

Inda assim não s'acaba a cruel guerra;
 Retira-se Diniz para Leiria;
 O Filho em Pombal os seus encerra;
 Isabel com elle em gentil porfia
 Fez-lhe dar juramento nesta terra,
 No sagrado Altar com Clerezia:
 Promette accommodar-se; ao Pai s'humilha:
 Mas pouco lhe dura esta maravilha.

Em Lisboa entrar com Armes fortes
 Contra seu Pai Diniz inda intentou;
 Isabel por aqui evitar mortes
 Ao Christo d'Ourique humilde orou
 Aquelle que a Affonso deo confortes
 No Templo do *Castello* o collocou: (6)
 Qual a penosa Esther pede a Assuéro
 Lhe mova o coração do Filho féro.

Christo lhe prometteo lá na visão,
 Que lhe representava hum Menino
 A ser devorado por hum Leão;
 Que elle sim livraria o pequenino,
 E mais lhe prestaria a successão,
 Pois da Misericordia era o destino:
 Mas o Filho na teima continuou
 E no *Lumiar* guerra lhe incendiou.

Daqui vai ás Planices d'Alvalade,
 Qual de *Ephraim* outro sitio tenebroso,
 Onde Absaão fez a David maldade;
 Onde os metaes com éco sonoro
 Com caixas retumbão a crueldade;
 E as fileiras sangue abrem spumoso:
 E o Sol que já d'alto caminhava
 No prumo do *zenith* s'aproximava.

Nos pélagos do vento retumbante
 Treme dos campos todo o horizonte;
 Os hombros seus sacode o velho Adante;
 O catro volta atrás de *Phaetonte*
 Escaramuças correm adiante,
 Desanda, volta atrás, põem-se defronte:
 Toda então mortal Arma se dispára
 Fazendo em todos morrandade rara.

Fica Isabel fiada na promessa,
 Que de Christo a imagem lhe fizera
 Do Castélllo de Lisboa; e depressa
 N'hum mulo ella vai; (pois então era
 Menos os faustos) ella s'atravessa
 Em Alvalade; seu Filho a espera:
 Eis-aqui os Exercitos fogosos
 Pela Rainha se mostrão attenciosos.

Já o campo de Marte socegado
 A Isabel mui contente festejou;
 Ella ao Filho seu colerizado
 Lhé falla e desta sorte o cortejou:
 Ah Filho! que tens desembainhado
 A spada contra o Pai que te gerou:
 Escandalo és de todo o Universo
 Por seres cruel Filho tão perverso.

O que dizem malvados Conselheiros
 Accreditar não deves pois verás,
 Que sempre os Reis tiveram lisongeiros,
 Que os enganão por arte mui sagaz;
 O Reino não s'entrega a Forasteiros;
 Tu successor do Reino inda serás:
 Em Pombal tu pois franco bem juraste
 A paz: assim tão mal a praticaste.

Taes palavras o peiro lhe abrandarão;
 Raivoso furor contra o Pai afflicto;
 Qual David aos soldados que tratára
 Contra Saul hum terror tanto maldito:
 Concordias entre o Filho e Pai ficarão
 Nova obediencia ha s'quece o delicto:
 Ambos voltarão sim para Santarem,
 Alegres em paz elles ambos vem.

Mas aqui novas bulhas elle tece
 Contra o seu velho Pai por vis informes:
 Oh Ceo! oh quanto, oh, desobedece
 Este Filho com obras tão enormes!
 As portas se fechão; entrar s'empce;
 Vem-se os animos muito mais disformes:
 As armas bramindo por toda a parte
 Que só mostrão horror de fero Marte

Ah Plutão infernal que o Phlegetonte
 Caudaloso teu rio sempre ardente
 Infundiste no peito deste Bronte!
 O Pai e o Filho com espada luzente
 N'humas rua erão hum bravo Acheronte;
 Mas as pazes fizeram prudentes:
 O Filho ao Pai rende obediencia;
 O Pai sempre oleyou com gram clemencia:

Neste tempo já a tal velhenta idade
 De Diniz sobranceira á sepultura
 Lhe mostra ir lá vêr com brevidade
 D'Augusta Celestial sala a candura,
 Dos Paços de Zaphir a amenidade;
 Onde dos lampeões brilha a formosura;
 Onde desembarca a spiritualidade
 Da mundana depois curporcidade.

Considerando a horrorosa Trombeta,
 Os fragorosos sons que o chamatião;
 Temendo da Parca a fouce e o Cometa,
 Que como tal Rei golpe lhe darião;
 Foge do moudo qual Anacureta;
 Pois suas obras mais o affligião:
 Alçando as mãos lá ao ceeste muro
 Quer suas cousas deixar em seguro.

Renova o Testamento em melhor forma
 Pagando de seu Pai algumas dividas;
 E suas, de que certa deixou norma,
 Prezos vai resgatar almas sentidas;
 Os pobres são vestidos com reforma;
 As Estações de Roma bem sabidas
 Por algum Cavalleiro visitadas;
 As de Jerusalem tão remontadas!

A's Igrejas, Conventos, Hospitaes
 Lhe ficarão larguissimos Legados;
 Testamento a Isabel deo em signaes
 De contra ella alguns dar passos errados
 Porém convalecendo em termos raes
 Da doença; então mais outros cuidados
 O investem: em vida manda daç
 O que por morte havia reparar.

Lá dos Templarios d'alta Gram Cidade
 Jerosolima os bens que estava tendo
 No Donunio Real por ma vontade
 A Ordem de Christo stabelecendo
 Todos lhe deo por sua piedade ;
 Cavalleiro por Christo contendendo :
 Mas o Plutão do Inferno se emperrou ;
 Com harpas d'ouro o Ceo bem festejou.

Amainou de Belona o Estendarte ,
 As pazes entre o Pai e Filho havendo ,
 Diniz a S. Vicente logo parte ,
 Em Romaria com Isabel rendendo
 Graças a Deos Omnipotente Marte &
 A virtude nas obras s'está vendo ;
 Lá nos Ceos ellas derão a Deos gloria
 Cá na terra a paz foi alta vitoria.

Succedeo então pois que Isabel Santa
 Sulcasse lá do Téjo as ondas frias ,
 Estrada navegasse d'ouro mansa ,
Auríferas areas fossem guias , (7)
 Celeste Nauta , Jonas em balança ,
 De Santas foi seu fruto Romarias :
 Balançou Jonas dentro na balêa
 Isabel n'hum Sepulcro se baldêa.

Musa , estes doura meu serios cantares
Helicon , dai-me todo o alento
 Para bem celebrat do Téjo os máres
 Que quebrarão as Leis deste Elemento :
 Iria Virgem posta nos Aljares
 He quem meu grato leva pensamento :
 Mar vermelho deo aos Hebreos passagem
 O Téjo a Isabel faz Vassallagem.

Iria ou Irene em godos tempos
 Donzella virtuosa a Deos temente,
 Filha do Illustre Hermigio com exemplos,
 Da bella Castidade não consente
 Que Britaldo enxovalhe este seu Templo:
 Qual Virgem celebrada, e eminente
 E d'hum Conde era Filho o tal Britaldo,
 Seu Pai se nomeava Castinaldo.

Monge Remigio em Tomar a instruo
 Nas virtudes da Santa honestidade;
 Seu Tio Abade Celio lhe influio
 Este grande dever da mocidade;
 Das *Tias* a doutrina a indozio (8)
 Por Christo stimar sua Virgindade:
 Ella n'hum Recolhimento habitava
 E a Deos a pureza consagrava.

Britaldo porém vendo-a n'hum dia
 Louco stava em sua frososura;
 Em seu amor gelada a fantasia
 Desejava mostrar sua doçura;
 Mas vendo que ella Virgem lhe fugia
 O fogo em sua neve fez tortura:
 Adoceo com pena da fugida;
 De Britaldo a alma fica esmorecida.

Iria dá fatal sabedoença;
 Por que Deos lho havia revelado;
 Sabe lá do seu Convento com licença (9)
 Britaldo visitar: desenganado
 O deixa; pois com ella casar pensa;
 Visto que a Deos s'havia consagrado:
 Ah! subirás, Iria, ao zimborio
 Celeste; onde tem virgens desposorio:

Mas como rugidor Leão do inferno
 Atiçado por *Cerbero* damnado
 De Remigio bem traz o amor terno,
 Para incendiar Iria a seu peccado;
 Este Monge na idade já d'inverno
 Inflama-se na Virgem provocado:
 Oh Ceo! grita ella; pois a formosura
 He causa de que eu caia em loucura?

Este Monge intentou tal como fraco
 Bem vingar-se d'Iria resistente;
 Pois hum tal Director lhe era velhaco;
 Ella casto era pois lirio florente:
 De Mestre o despedio, como a macáco
 Virtudes sim pintava torpemente:
 O Meste Monge tal quer castigada
 Avirgem Iria que fingio pejada.

A Britaldo elle dá tonta engeitado;
 Deprava-se este lá no grão ciuime;
 Inflamma-se de cólera exaltado:
 D'as *humendies* s'abre hum grão cardume:
 Plutão todo o mais inferno agitado:
 Ao Monge os parabens dá com perfumes
 Britaldo por hum vil venal soldado
 Iria faz matar desesperado.

Mas no Rio Nabão o grão malvado
 Lança d'Iria o corpo glorioso;
 Britaldo ufano fica já vingado:
 Mas o Ceo guarda o Corpo precioso;
 Pelo Nabão ao Têjo arremessado
 Qual Moysés no cestinho venturoso
 É Britaldo e Remigio s'amigário:
 Anjos a Celio tudo revelarão,

Pois que Deos a seu Tio revelou,
 Que o Téjo o corpo Santo recebêra;
 Tanto lhe o Ceo o corpo reservou
 Que junto a Santarem o escondêra;
 Onde da Ribeira a praia assentou
 A balisa que o Téjo lhe impuzera:
 Doces ondas do Téjo d'ouro fino
 Sois ura de crystaes d'hum Sol Divino

Levanta Celio alegre o Estendarte
 Da pureza da Virgem que já estava
 Manchado; pois d'inferno o baluar-te
 A virtude seus tiros lhe atirava;
 Mas Celio a Santarem com Divina Arte
 Gritar vai; e d'Iria a Fama lava:
 As furias infernaes s'effugentâo
 Pois nas praias do Téjo Iria achâtão.

A Procissão tal foi dos Santerenos,
 Que o Senhor lá dos Mundos lhe enviou;
 Que tolos em turmas ou mais ou menos
 Virão Sepulcro: o Téjo se desviou;
 Santo Corpo se vê nelle Sereno
 Ser obra dos Anjos se considerou;
 A morte a coroou com aureo sceptro
 Neptano c'o Tridente lhe abré o ferétro.

Nunca mais Santarenos bem puderão
 De Sepulcro tal Iria tirar;
 Pois elles côm ternura bem quizerão
 N'hum Altar collocalla onde girar
 A Fama pudesse; mas não tiverão
 Forças para dalli o desviar:
 Muito fica tal Celio agonizado
 Pois o mudar-se Iria lhe he vedado.

Apenas tirão d'ouro os cabellos
 Da íntima túnica ensangoentada;
 Santas reliquias taes como os estrellos
 Que mostrão Iria mortificada;
 O Mosteiro de Santa Iria pelos
 Taes cultos a Santa martyrizada
 Milagres pois nos conta em stampa d'ouro
 Eternizada lá em seu Thesouro.

Chama-se Scabelicastro Santarem,
 Desde então a depois he *Santirene*;
 Mas hoje este tal he que nome tem,
 Pois da Virgem Santa toma o rne:
 Sec'los sete a Isabel a conta tem;
 Que esta foi visitar fonte perene:
 Quando então na praia Isabel andava
 Onde com Rei Diniz Iria stava.

Ponte de prata, strada d'ouro abrindo
 Romaria ella faz a Iria Santa;
 Do Têjo Saero o pégo dividindo
 Bem s'abrio a onda: Isabel s'encanta (10)
 Ella só venera ao Sepulcro lindo,
 Que tantos seculos ha que o Evo spanta:
 Corre o Têjo outra vez suas cortinas
 Nos valles lá d'Ulysses crystalinas.

Isabel grão Pilar lhe levantou,
 Que inda mesmo lá hoje se venera;
 Digo inda hoje; pois tanto m'admirou
 Quando eu triste o vi na tragica era
 D'oito centos e onze, que acabou;
 Quando o traidor Francez nos fez a guerra;
 Do vento os sopros, ou do raio as azas
 Inda estas não puzerão pedras razas,

Na mesma ahí margem que o Têjo lava
 Apparece hum Pilar de certa altura
 Na mesma praia, que a Ribeira cava;
 Onde bem desembarca a viatura:
 Lá no alto huma mulher mui bem se grava;
 De Lisia Armas Reaes fazem figura;
 Nelle se vê gravado hum Letreiro (11)
 Que na Lingua do *Latio* diz inteiro.

O que muito me ellevou admirado
 No mesmo mez Maio do dito anno;
 Foi vêr este inteiro Pilar Sagrado
 Sem que pois lhe o Francz fizesse damno:
 Portas, casas, tudo eu vi estragado
 Por estes Jacobinos tão tyrannos:
 As mesmas Reaes Armas Portuguezas
 Logrando ellas ficarão as bellezas.

De *Cedron* a Ribeira venturosa,
 Do Jordão o seu timbre merecido,
 O *golgotha* montanha scandalosa,
 O Sinai no arbusto accendido,
 O Tabor com sua gloria fulgurosa,
 O Horeb nas agoas dividido,
 Padrões são desta Virgem Iria;
 Que n'Arca figura á Virgem Maria.

Tanto mercede a Deos a Castidade
 Das Virgens que elle toma p'ra seu culto
 Quanto esta he tão difficil Santidade
 Guardar-se no *caho* do mundo stulto!
 A Paulo sbofeteava esta maldade,
 Quando lho diabo fazia insulto:
 Matou Deos trinta mil Madianitas
 Mas as Virgens ficarão expeditas;

Dos Gentios nos conta a velha historia
 (Esses grandes Padrões d'Antiguidade)
 Que em Roma teve a *Vesta* por gram gloria
 Clausurar em seu Templo a Virgindade:
 Tal *Vesta* nos deixou n'alta memoria
 Raparigas Virgens de pouca idade:
 Lampadas lá no Templo lhe accendião
 E peccando com pedras as ferião.

De Roma este rito se transplantou
 Pelo grande Romano vasto Imperio:
 E cá em Portugal bem se encantou
 Junto a Lisboa n'hum tal Monasterio
 De Chellas, onde Achilles se plantou;
 Mas Ulysses lh'ordio o cemeterio:
 Alguns pois se conservão monumentos
 Que destas *Vestaes* deixão pensamentos.

Tanto que morre o Rei Diniz Monarca
 Amigado com seu tal Filho ingrato;
 Tanto que os fios d'alma corta a Parca
 Recebe os Sacramentos com recato:
 Suspirando em Jesus no peito n'Arca
 Sobre Christo empregou ultimo tacto:
 Logo se remonta a celeste sala
 Isabel d'alegria perde a gala.

Do spirito Paraclito ella ungida
 N'hum seráfico Claustro vai metter-se;
 Louvada faz do mundo tal fugida
 P'ra do mundo malvado esconder-se;
 Como casta viuva amortecida
 Cuida no Ceo terreno recolher-se:
 Bate ás portas do Serafim chagado
 Qual Moysés no Rochedo empedrado.

O Manto de burel ella vestio,
 E com aspera corda bem envolta
 A cabeça c'hum branco véo cobrio
 Defunta viuva em mortalha involta;
 Assim a triste viuva ella subio
 A Compostella que a S. Thiago scolta:
 Faz Romaria ao Apostolo Santo
 Disfarçada c'hum rijo burel manto.

Segue a estrada mui bem acompanhada
 Com Matronas taes cinco d'alto sp'rito;
 Occulta a Magestade enviuvada
 Vai a Thiago Apostolo bendito;
 As esmollas que fazia nesta estrada
 Mostrááo que tal era este palmito:
 He qual celeste *via Lactea* dada
 Girando a terra mostra illuminada.

Em Arrifana a vista restaurou
 A huma tal mulher que cega andava;
 Toca seus olhos, vista s'aclarou;
 A pé ou a cavallo, ella marchava:
 Em Compostella a Thiago consagrou
 C'roa d'ouro com vestiaría dada;
 Para serem da Igreja ornamento
 Com que de Thiago enfeitasse o Templo.

D'Arcebispo recebe a pergrina
 Em recompensa de suas *Oblatas*
 Huma gram moleta de prata fina
 C'humã pedra vermelha, que remata
 D'Apostolo Santo a Imagem digna,
 E huma concha mais lhe enfeita a prata:
 A vara por Deos foi a Moysés dada
 A moleta por Deos he abençoada.

Aframente a Galiza celebrou
 Da Romeira Isabel os donativos;
 Voltando na Arrifana festejou
 Claros olhos da cega admirativos,
 E o Povo admirado s'elevou,
 A Deus pois attribuia estes prodigios:
 Imita o Profeta ao Justo Tobias
 Obstando por Deus tantas bizarras.

Volta a Coimbra Herculea Cidade
 Onde já o Convento havia feito;
 Recolhe-se então lá com prontidade;
 Hum hospital p'ra pobres faz a geito:
 E p'ra si Paço faz com humildade
 Pois pobres lastimava no seu peito;
Mãe dos pobres, Madrinha dos affictos;
Compadecida d'ais, fome, e gritos.

Vincula Isabel todos os fundos
 Deste grande hospital e boas rendas
 A or em destas Claras com profundos
 Titulos de magnificas fazendas;
 Mas as voltas do tempo neste mundo
 Induzirão pois nisto altas contendas:
 Mas hum Affonso quinto justo e recto
 Desviou da injustiça o Epiteto.

Prohibio Isabel que no seu Paço
 Lá no altar a Clara consagrado
 Nenhum já outro mais tivesse espaço,
 Que não estivesse Regio nomeado;
 Para que as suas Freiras sem embaraço
 Fóra d'algum vivessem attentado:
 Pois as Almas a Deus só consagradas
 Devem-se orivar bem d'ocasiões dadas.

Em breve s'arruinou o Real Paço,
 Depois que Ignaz de Castro lá viveo;
 Ignez, a bella Ignez animo d'aço,
 Perto de garça, a Pedro enlouqueceo:
 De Rainha então morta hum só pedaço,
 O muito amor á ruina a offereceo:
 De Jericó os muros abalarão
 As sonóras trombetas que gritarão.

A viuva Isabel tomá o exemplo
 D'outras muitas Rainhas na clausura;
 (Sua Mãi sua Avó) vai ao Templo
 Professa qual Terceira esta ventura,
 Que alto Ceo s'alegrou, eu o contemplo;
 Que Plutão s'enraivou com amargura:
 Qual em Galaát a Sposa dos Cantares
 Seus cabellos em molhos vão aos ares.

Casada Isabel, Viuva, e Frãira
 Tão bella como a Aurora quando nasce,
 Tão linda como o Sol n'alta carreira,
 Formosa e bella nas virtudes faz-se;
 Desde o Polo bem lá vida primeira
 Até que mais ao outro final passe:
 Resurgir scusará por derradeiro
 Pois inda agora stá seu corpo inteiro.

S'em casada do anno nas tres partes
 Isabel sempre austera jejuava;
 Em Viuva e Freira aos baluartes
 D'inferno com jejuns mais ella obstava;
 E quando o carro d'ouro os Estandartes
 No Nacente das luzes indicava
 Já na Capella este Astro matutino
 As Missas ouvia do Deos Divino.

E sempre Freiras cinco a acompanhavão
 E duas Missas ouvião cantadas
 E o Officio Divino bem rezavão
 Aos pobres as esmollas lhe erão dadas;
 Alimentos grosseiros a tratavão,
 Pois da gula vem obras depravadas:
 E do hospital os pobres visitava
 E por suas mãos chagas lhe alimpava.

Primeiro o Confessor era chamado,
 Do que o Medico os fosse visitar;
 Pois que stando qualquer alma em peccado
 Primeiro se deve purificar;
 Curada a alma, fica o corpo alliviado,
 A culpa não deixa a alma governar:
 Morre Ochosias de morbo trivial
 Por hum peccado haver feito mortal.

Era tão penitente a sua vida
 Que a todos parecia impossivel
 Sustentar-se com tão subtil comida;
 No que haver hum milagre era visivel
 Prodigio d'huma vida amortecida;
 Cilicios e a fome he muito crível;
 He prodigio ter hoje o corpo inteiro
 Morto de S. Clara no Mosteiro.

Não por pompa, mas sim por desengano
 Sepulcro seu de pedra fez tirar; (12)
 Treze palmos de longo tem seu plano
 Largo seis, cinco d'alto o vão findar;
 Imagens e figuras ao humano
 Cada huma dois palmos faz mirar:
 'Acabando ellas vão em Procissão
 Livros abertos levão n'huma mão,

No principio hum Bispo vai sculpido
 Com Sacerdotes mais de veste branca,
 D'adornos Pontificios bem vestido
 Que elles lado direito ornão da banca;
 Outro coro do lado esquerdo abtido
 Apostolico coro que desbanca:
 Na cabeceira stá hum Crucifixo
 Com Maria, e Evangelista affixo.

Dois escudos se vêm d'Aragonezas
 Armas; e bem do tumulo no fundo
 De Santa Clara o busto tem bellezas;
 Duas Rainhas mais o põem jucundo
 Com cabeças lá d'ouro altas grandezas
 Que fazem admirar de Coimbra o mundo:
 Nos quatro cantos os quatro animaes
 Dos quatro Evangelistas dão sinaes.

Não termina inda aqui esta scultura
 Que cantar eu devoto bem me empenho;
 Altos mysterios tem as taes figuras
 De que sumario faço este desenho;
 He da superior tampa a gravatura
 Que mostra d'Isabel bem com engenho:
 Do Santo Corpo molde agigantado:
 Divina Lisia, o Ceo lho dá avultado.

Em habito de Clara o sculpe a Arte
 N'hum relevo gentil, cinzel pólio;
 Na Cabeça hum véo preto faz-lhe parte
 Com que os Anjos lhe smaltão o fingido;
 Huma aita c'roa d'ouro o bem reparte
 Com que seu rosto stá tão bem luzido:
 Ah Freira viuva! Teu rubro pudor
 O teu no Ceo colóca resplendor.

Da Ordem hum cordão cinge a Corga,
 E desce para á esquerda huma ponta,
 Com que huma bolsa bem smolas pregoa;
 Outra a concha de Thiago d'alta monta
 Lavrada em ouro digno da Pessoa;
 Bolsa para ás esmolas sempre pronta;
 Sobre o peito se vêm as suas Mãos
 Dextra c'hum Livro; a outra c'hum bordão.

Dois Anjos com thuribulos incensão
 Pela Cabeceira o stimavel busto;
 Os Anjos pelo Ceo lhe recompensão
 Seus trabalhos c'hum tumulo Augusto;
 Em oito Leões de pedra elles assentão
 Celeste mausoleo de tanto custo:
 Nova no Ceo resplandece alegria
 E vem mais bello o Sol mais claro o dia.

Porém do tempo os dentes roedores
 Da Igreja no Corpo fazem danos;
 Pois Mondego alagou os corredores,
 Do Convento, Igreja e de seus planos;
 Por isso hoje nada há de seus horrores
 Segunda ha hoje velha ha tantos annos:
 Isabel esta Igreja sobranceira
 Mandou ella fazer sobre a primeira

Manda então collocar sepulcro Santo
 Sobre arcos desta mais Igreja nova
 Dobra a Igreja: tumulo tem canto,
 Sobre o novo alto coro que s'aprova;
 Mas aqui se levanta a urna tanto
 Que entre os Fiéis a Santa Fê renova:
 Virtuoso *Santiagoz bordão* (13)
 Moda p'ra o coro a urna em prontidão.

D'antes activas grandes diligencias
 Artistas Architectos bem fizeram;
 Mas a urna de grandes corpulencias
 Nunca ao corpo levar elles puderão
 Mas Santo bordão tira as competencias
 Sóbe logo: qual Paulo ao Ceo que derão:
 He de gloria colmada esta função
 Qual Casa d'Obdedon pela benção

Isabel na do Ceo graça humilhada
 Prodigios grandes mais ella fazia;
 Esmolas, e penitencia são trilhada
 Estrada lá para o Ceo em cada dia:
 Hum Livro se perdeu que sublimada
 Historia de suas obras descrevia:
 Deos a Isaias pois mandou fechar
 O Livro que aos Povos vai pregar.

Isabel do Convento aumenta as rendas
 Applicando seus proprios cabedaes
 Para ás Virgens Stellas com fazendas;
 Que do Convento contão os Annaes:
 E para lhe evitar depois contendas
 Alfaias ao Convento ella deo taes,
 Que fizera do Santuario ornamento
 Que no Throno de Jehova tem assento.

De precioso aljofar bordadura
 Da Santa Mãe de Deos ella lhe apronta;
 Para duas Imagens da Mãe pura
 Dos Apostolos outra lhe confronta
 Em prata: e bem desta lhe figura
 Duas Cruzes: huma coral se conta;
 De varios Santos dá os reliquarios
 Do Baptista, Lourenço Santuarios.

Alfim tudo o seu deixa ao Mosteiro;
 Quantos bens quantos tem honra lhe fazem
 A Deos na terra; ás Virgens do Cordeiro;
 Até se deixa a si; e quer s'abrazem
 Ellas Freiras em Christo verdadeiro;
 E com elle em vinculos d'amor cazem:
 Quer que na urna a fação sepultar
 E que nisto a Deos vão bem exultar.

Lá nos valles d'*Ephrom* tal nova Sara
 O Deos d'Abrahão quer fique sepultada;
 Lisia qual Povo *Geth* bem se prepara
 Nos valles de Coimbra amortalhalla:
 O do Ceo alto coro lhe declara
 Ser do Reino Protectora sp'rançada:
 Pois que o seu corpo havia ver-se inteiro
 Nos vindouros Eyos em suave cheito.

Sendo Isabel austera penitente
 Como se fosse grande peccadora
 Aerizolar faz virtude eminente
 Com esmolas na *Seia* destruidora;
 Tudo abraza o terrivel ar mui quente
 Tudo minha sem chuva nutridora;
 Todo o Reino arde em fome atribulado
 Chegão doenças, ó fatal Estado!

Os mortos são dos vivos alimento;
 Animaes de tal specie devoravão;
 Era a fuga p'ra os campos fraco alento,
 Funesta epidemia que lavrava:
 Orações d'Isabel ao alto assepto
 Colera suspendem que castigava:
 Havendo soccorido a gram pobreza
 Com soccorq de sua Real riqueza

Segunda vez intenta visitar
 De Tiago o Sepulcro em Compostella
 No anno jubileo que vai ganhar;
 Na primeira vez a grandeza bella
 Vai disfarçada: agora vai fixar
 De Rainha a grandeza com cautela;
 Agora a pé vai com alforge ás costas
 De portas pede smolas p'ra outras portas.

Volta a Coimbra pela alta mesma estrada
 Este Astro do Celeste Firmamento
 Descrevendo alto giro em *Lactea* dada
 Fazendo *Epyciclo* no Convento:
 Mas novas guerras contra Spanha alçadas
 Moveo seu Filho Rei: faz aposento
 Em *Stremoz*, põe guerra á valente Spanha
 O que toda alta Lisia bem lhe estranha:

Chega a *Stremoz* quando alto Phaetonte
 O raivoso signal de Leão toca;
 Quando *Canicula* tal de Phlegetonte
 Bebe as agoas quentes que Averno choca;
 Então o d'Isabel corpo era a fonte
 De débeis forças que chorar provoca:
 Carbunculo n'hum braço de pouca dura
 Ninho he de cadaver sepultura.

O' Musa, me prepara hum triste Manto
 Rebuça-te o terra nos véos da noite;
 Azul campo de strellas, mundos tantos
 Scondei vossos Luzeiros, pois afoite
 Em meus fallar eu vou lugubres Cantos;
 O que da morte obrou fatal açoite:
 Da morte vou fallar d'Isabel Santa
 Que deixa a Portugal saudade tanta;

Havendo feito já dois Testamentos,
 Em que nelles mandava dar esmolas
 De somma avultada; que nesses tempos
 Nada havia moedas Hespanholas,
 Ou suas d'Americo rendimento
 Que ás d'hoje dessem alta igual *bitola!*
 Agora manda dar seis mil cruzados
 Com que bem se cumprirão seus Legados.

Conventos pobres, Igrejas, Cabidos
 Os pobres de mais grave Jerarquia
 Os que por Mouros stavão mui cativos
 Tantas *Livras* tiverão neste dia:
 Dos hospitaes os pobres são vestidos;
 Tudo a seu hospital deixa ella pia;
 E ao seu de que fez Claras Convento
 Deixa joias para a Igreja ornamento.

Trata de receber os Sacramentos,
 Sublima-se Angelica creatura
 A Deos lá em seus Santos pensamentos;
 Rende-lhe graças taes por tal ventura,
 De lhe fazer mereçs, e mais portentos;
 Para subir dos Ceos á grande altura
 Acha-se com seu Filho á cabeceira,
 Bons dictames lhe dá por derradeira.

Mas não se tem doença por mortal;
 Os Medicos no tempo s'enganarão;
 Mas como a virtude lhe era essencia
 Os temores da morte a não gravarão:
 Do Justo vê-se a paz no funeral
 Da morte quando as obras o brilharão:
 Deste mão Ladrão não soube ella a hora
 Mas em vigia stá Celeste Flora.

E como sua Nora Dona Brites
 Amiga lhe fazia Sociedade
 Sabendo que do Ceo altos convites
 A Isabel eráo dados por Deidade,
 Estando ella com outras todas tristes
 Diz-lhe Isabel com santa gravidade
 = Dêem todo o lugar áquella Senhora,
 Pois de nós he Celeste Protectora. =

Mas suspensas lhe ficão no recado
 Ignorando quem era a tal Senhora;
 Isabel a vio só com manto albado
 Vio ser a *Mãe de Deos* visitadora: (14)
 Anjos d'alto Ceo coro sublimado
 As cortinas abri á Protectora:
 Oh altos preamars da ventura
 Que á Lisia tanta deste formosura!

Com tal visita bem fica animada
 Isabel elleuada em seus transportes;
 Não Maria vem p'ra a saude dada,
 Mas p'ra no final dar alentos fortes:
 Sobre o Leito vestida e asseniada
 Missa ouve, confessa-se: desta sorte
 Do Leito ó Altar vai ajoelhada;
 De Christo manduca hostia sagrada.

Então hum tal desmaio a affrontou
 Deliquio mortal era hum Correio;
 Mas a tumba vital bem confrontou
 A morte que traçou á vida enleio:
 Torna a si; ao Eterno Padre orou
 Depois a boca dá final bocejo:
 Suspirando na morte em vago giro
 Sobre Christo dá ultimo suspiro. (15)

Algumas repetindo vezes d'antes
 As *palavras* com que á Mãe de Deos s'ora; (16)
 Assim só dias quatro são bastantes
 Para Isabel morrer em boa hora:
 Pelas cadêas d'ouro mui brilhantes
 Os Anjos a entoão por decóra:
 No seu tumulto o corpo põem scondido;
 A' gloria levão seu sp'rito luzido.

Subindo pelas spheras diamantinas
 D'altos Ceos estrellados tão luzidos;
 Por campo azul semeado de boninas
 Lá onde tantos sóes dão coloridos;
 No Throno de Deos, d'Anjos officina
 Angelica marcha aqui vê sculpido
 De Diniz o semblante, que lhe falla
 Luzido como hum Sol na Etherea sala:

Oh feliz encontro! oh alma ditosa!
 Não me conheces? Não, Santa Consorte?
 Se me conheces vóa pressurosa
 Abraçar-me: oh Celeste feliz sorte!
 Isabel neste encontro venturosa
 Alegre lhe elle diz em hum transporte;
 Teu luzido fulgor te aformosea,
 As portas Eternaes Deos te franquea:

Fomos da massa bárrea hum composto
 Sp'rito he o que em nós agota vemos;
 He vulto apparente á alma exposto
 Do que na terra Lisia ambos tivemos:
 Sp'rito somos: em nós s'houve desgosto
 Agora neste encontro prazer temos:
 Exercito d'Anjos acompanhando
 Com Divina Orquesta a v'ão levando.

A Deos até que ambos avassalados
 Diante do Eterno nos vejamos ;
 Que em transportes Divinos sublimados
 Cos Anjos a Deos nós gloria façamos ;
 E nas azas dos Anjos destinados
 Lá o selvado mundo desprezamos ;
 Abrem-se as aureas portas do Tabor,
 Vêm de Deos alta face e resplendor.

Sendo então d'Isabel sabida a morte,
 Que na terra a trombeta voadora
 Do Antartico pranteou té lá o Norte
 A Lisia sente a spada cortadora ;
 Pois vulcano lhe afia o fino corte ;
 Saudades tem d'Isabel Senhora :
 Mas a dourada Auepra sponde a fronte
 De negra manta cobre o horizonte.

Aberto que então foi seu Testamento,
 Em Stremoz onde a morte a accommetta ;
 Vê-se que por vontade, e mandamento
 Seu Corpo (tão flexivel, como cera)
 S'havia ir sepultar ao seu Convento
 No seu tumulo que ella descrevêra :
 Mas da Canicula os fervidos calores
 De podrido indicavão os horrores.

Sendo em Stremoz exequias usuaes
 N'outro dia seguinte a sua morte ;
 Do Testamento vêm as Credenciaes :
 A Coimbra mandavão ser transporte ;
 Formão-se opiniões nos Tribunaes ;
 De ficar em Stremoz há razoes fortes ;
 Dizem huns que calores tão intensos
 Corpos mortos farlão tedorentos.

Outros que seja o Corpo embalsamado ;
 Ou que na Sé a fossem sepultar ;
 Ou em Stremoz no Claustro consagrado ;
 A São Francisco , ou junto a seu Altar ;
 Quando já a terra seus ossos branqueados
 Fizesse : vão-se ao tumulo entulhar :
 Outros que se cumprisse o Testamento ,
 E nas Claras de Coimbra fosse assento .

Mas lá o Grande Affonso remontado
 A Era de seus dias milagrosa ;
 E de Lamego o Bispo Frei Salvado
 Testamenteiros d'Isabel gloriosa
 Dos Anjos voto implorão ajustado ;
 Se a marcha p'ra Coimbra era forçosa ;
 Affonso ir p'ra Coimbra determina
 O corpo defunto da Mãi heroína .

Não vai levar Jacob porque he verão
 Morta Rachel d'Hebron ao seu tumulo ,
 Em Belem ! Quer d'Affonso o coração
 (Porque da Religião tinha o estímulo)
 Levar a Coimbra a Mãi sem corrupção ;
 Pois de suas virtudes vio o cumulo :
 Da Sposa a corrupção Jacob desviou :
 Affonso inteira a Mãi acreditou ,

Nem suas lhe tirárão as entranhas ,
 Como erradamente outros afirmárão ,
 Pois de seu corpo inteireza tamanha
 Quanto he bem natural decente acharão
 Nas vezes que se vio e o tacto apanha :
 Pois muitas sido tem o mostrárão :
 Nem se deve inda crer que ella quizesse
 Que a ellas o Convento as não tivesse

O Rei n'hum caixão bem incluir manda
 De sua Mãi cadaver Regio e Santo
 Amortalhada em forma veneranda
 Com finos panos taes de linho branco
 Mui bem involto n'hum colcha branda
 De grosso pano tal de linho he quanto,
 Estes cobrem de seu Corpo involtorios
 He pois este o costume dos mortuorios.

Huma colcha de branco algodão
 Ligando bem em torno c'hum cordão
 O Santo cadaver; põem-se em caixão;
 Então o grande Rei bem se recorda
 De que hum coiro de boi fosse prizão,
 Que o Ataude ligásse bem por borda:
 Sobre elle se põem da Santa o bordão
 E a moleta da Celeste Mão.

Huma bolsa se põem sobre a moleta;
 O que hum pano Real vermelho cobre,
 Logo que Ataude s'entre as andas meita,
 Hum panno carmezim se lhe põem nobre;
 Parte logo p'ra Coimbra qual Cometa
 Luminosas faiscas nos descobre:
 Vê-se por toda a estrada muita gente
 Louvando tanto a Deos Omnipotente.

Tocar pertendem lá no Ataude;
 As cordas p'ra reliquias vão guardando:
 Pois ella das esmolas, e da saude,
 Dos pobres he soccotro venerando:
 Como os homens olhavão á virtude
 Suas Mãos ao Caixão ião alçando:
 Então as taboas taes se desconcertão;
 Licores cahem lá que a Fé despettão.

Do Corpo pensão isto podridão;
 Mas o tal suave cheiro agradável
 Tão pasmosa causou admiração,
 Que logo lhe lembrou virtude amavel:
 Os proximos tem cheiro em profusão;
 Nos distantes suave era estimavel:
 Aqui *Leviatão* horrendo e bravo
 Spumando gira no Acheronte Lago.

Todas as Fúrias bramem do inferno
 Então raivoso Rei Plutão gritou;
 Alto! Marche já a Coimbra todo o Averno;
 Se pois Isabel lá s'enterrou,
 Lisia fará damno sempiterno:
 = As Eumenides vão: elle recitou
 Sepultem o caixão do mar no centro;
 Ou o tragão do Inferno cá p'ra dentro.

Sahe do inferno toda á patrulha ardente
 Mui denodadamente arrebatada
 De fogo em turbilhões mui pestillente
 Pensamentos sobtis pondo na strada;
 P'ra que deixassem tal caixão luzente
 Onde se consumisse a carne amada:
 Mas tudo isto só dá em fantezã
 Pois era a Mãe de Deos a sua gula.

Celestemente Affonso encaminhado,
 Qual columna de nuvem no Deserto
 Lembra que o licor era do Ceo dado,
 Marcha á pressa alto Rei a Coimbra perto;
 A Santa Atca em seguro Regio stado
 Depositar: vai no Sepulcro aberto:
 Por beijos de metal Dama ligeira
 Altos écços pregôa liçongeira.

Tal era do concurso a população;
 Fidalgos e mais Nobres Cavalleiros,
 Que para elles era a via escaça,
 De juntos Coimbrões erão chuveiros,
 Que querião bem vér do Ceo a graça;
 Pois a Coimbra deo estè luzeiro:
 Custa metter-se o caixão na Igreja
 Pois o virtuoso Povo entrar adeja.

No *seguinte dia* ao seu Funeral; (17)
 A que assistio Affonso enternecido;
 Então grande milagre houve Real
 Do Deos dos Reis por Isabel havido:
 Huma Freira entrévada em geral
 Orando a Isabel saude ha tido:
 Ah de virtudes mares tão profundos
 Só Mappas te podião ser dois mundos!

Levantão o Ataude, e o conduzirão
 Ao sepulero que stá para morada
 C'o licor suas mãos cheirosas virão
 Que sahia da caixa mal pregada:
 Oh que aroma Celeste em lenços tirão
 Que cheiro a tumba dá divinizada!
 Cesse tudo quanto alta Lyra canta
 Que em Coimbra nova tal a mais encanta.

Ellevada em prazer Coimbram gente
 As Claras c'o milagre extasiadas;
 Perolas de seus olhos vêm na fronte
 Com lagrimas se mostrão admiradas;
 Tocar querião caixão com fé ardente
 Pois vião sua Mestra amortalhada:
 Isabel Cherubim Propiciatorio
 Enchente de graças do Consistorio,

Concedida foi sua petição ;
 Por algum tempo virão e tocarão
 O Santo Corpo em terna submissão ;
 Do Ceo o Thesouro á pressa olharão :
 Constança que Freira he com promptidão
 Os pés lhe beija , e logo lhe sararão
 Os beiços , que lhe hum canero consumia :
 Constança , Fé constante ! Feliz dia !

Em soluços lhe fica a saudade ;
 Nos gemidos as Freiras soluçando
 Carinhosos dão ais á Divindade ;
 Qual mais lagrimas tem mais vai penando ;
 Cada lagrima d'alma he entidade ;
 Quem mais chora mais n'alma vai cortando :
 Por cadêas d'ouro que lhe enlaçarão
 Ellas c'os Anjos ao tumulo a levarão .

Fica neste Padrão Isabel occulta ,
 Mas dos Povos n'alma representada ;
 Dos pobres smoler era o *non plus ultra* ,
 Pois era p'ra os afflictos advogada ;
 E della a Portugal gloria resulta :
 Oh pedra immortal Divinizada !
 Marmore , em ti devotos corações
 Com rogos farão ternas petições .

No concurso da gente apressurada
 Fernão Steves de Coimbra Cidadão
 P'ra dar fôrma á gente na entrada
 Põem nas andas hum pé com promptidão ;
 Faz-lhe cruenta o pé huma picada ;
 Alto roga a Isabel e fica são ;
 D'Arca vós Cherubins vinde incensar
 Hum corpo que Deos quer recompensar .

A quatro cegos vista he restaurada ;
 Demonios sete hum homem tem vexado ;
 Fica livre o possesço da pousada
 Acclama alto Ceo Povo abençoado :
 Christo a cegos deo vista desejada ;
 Os possesços livrou mortificados :
 Soárão d'Isabel obras virtuosas
 Onde Annaes tecem palmas gloriosas.

Hum pedio lhe tirasse da garganta
 Sanguexuga ; folgar pois não podia ;
 Outro com outro obstaculo tem tanta
 Dúvida em engolir , que amortecia :
 Annos hum prezo quatro ; clama á Santa
 E todos livres stão ; Santa alegria !
 Largos annos da Mãi ; Filho distante ;
 Isabel lhe põem de si adiante.

D'Ordem de Christo hum Mestre entra orando
 E duas do Convento Religiosas ;
 Elle d'hum braço enfermo embaraçando
 Seus movimentos ; ellas anciosas
 Da saude d'hum olho ; a mão alçando
 Supplicas a Isabel mui fervorosas :
 A' Santa agradecidas exaltarão
 Ao Coro dos Anjos entoirão.

De Células huma velha Religiosa ,
 Que supplica a Isabel já entrevada ,
 Em sonhos ella diz-lhe piedosa
 = Ao Coro tu bem vai na Matinada =
 A velha se levanta muito airosa ;
 No Coro a voz retumba sublimada :
 Mulheres nutrices de leite faltas (18)
 A Isabel orão ; vem-lhe marés altas.

A velha d'annos lá treze setenta
 De leite á fome o Neto lhe morria ;
 Bate no sepulcro muito attenta ;
 Pede-lhe leite ; e logo o correr via :
 Huma mulher que tem a mão doente
 Põem ligadura , que a Isabel servia :
 Logo da mão lhe falta hum lobinho
 Que della lhe estorvava o seu alinho.

D'hum andaime alto cabe do refeitorio
 Hum Mestre Carpinteiro trabalhando ;
 Rompe-se o taboado do zimbório ;
 Clama a Isabel n'alto ar virando :
 As rotas taboas vem do tormentorio ;
 O homem fica são a Deos louvando :
 A moribunda afflicta tem saude
 Pondo-lhe o cobertor do Ataude.

Gaspar da Gama antigo Quartanario ;
 Em tres noites sonhou haver melhora ;
 Do cobertor reliquia põem precario
 Então saude alcança sem demora ;
 Vê-se de João Brandão o vestuario
 D'almofada dos enfermos , que implora ;
 D'humas antigas dôres o livrou
 Com que gloria a Isabel bem publicou.

A Guiomar Correa sangue sahia
 Dos peitos em lugar do branco leite ;
 Seu Filho criat ella não podia ,
 Recorre a Isabel e lhe he accete
 Sua Oração ; e leite lhe corria
 Oh Celeste convite ! Alto deleite !
 Guiomar n'ardente fragea que exhalava
 De lagrimas diluvis bem soltava.

Antonia Fernandes a tartamuda
 Pouco ella pela falla se entendia ;
 Já na meninice o folgo engruda
 Ao tumulo vai com Fé por gula ;
 Pede-lhe ; e logo fica a falla aguda
 Pasma o Povo ; e já rompe em alegria :
 Mudos Divino Medico curava
 Por elle bem Isabel o imitava .

Cinco annos bem soffreo Padre Coutinho
 Hum tumor no sováco grande e duro ;
 Temia que tomasse outro caminho
 Interno ao peito quando bem maduro :
 Pede a Isabel afflicto o doentinho ;
 Rehenta de repente sem ter furo :
 Anna Arez tabardilho bem livrou
 Cobertor, e almofada ella acclamou .

Maria Francisca he pobre paizana ;
 P'ra criar seu menino leite faltrá ;
 Queima-lhe hum Surgião veia, que mana
 O nutriente leite, que lhe esmalta
 Do lindo filho linda filagrana ;
 De criar filho perde a speranza alta :
 Toma o bento licor que dão as Freiras
 Em gorgolhões de leite vem carreiras .

Certo Mattheus Carvalho Estudante ,
 Que já lá de menino asmatico era ,
 Huma feliz Novena supplicante
 Submisso faz ao Tumulo que venera :
 Manoel da Gama hum cirio mui brilhante
 Manda á Isabel : pede hum filho que espera :
 Ambos logo se vem mui bem servidos
 Elevando-se, a Deos agradecidos .

D'asma doente stava Anna da Gama,
 Devota triste vai á Sepultura;
 Por baixo do Padrão passa, e chama
 A Isabel; ora, gríta, tem ventura;
 Com saude fica, milagte aclama;
 Da virtude os troféos no ar pendura:
 Plancha do Tabernaculo que sustenta
 Com virtudes o que a Igreja ostenta.

Olympia dos Anjos Religiosa
 No rosto ha huns annos tumor tinha;
 A cancro avançar era perigosa
 Queixa, que para a morte s'encaminha:
 Onze vezes ao Tumulo vai chorosa;
 No fim delles tumor se desalinha:
 As Freiras sonoras Canções entoão
 Nos coros, e claustros milagres soão.

De verrugas Francisca de Góes leta
 Nas mãos varios cardumes não podia
 Os dedos manejar: vai lá e reza
 Onze vezes: cardume já não via
 Ignez d'Almeida tal que muito préza
 Hum lindo rapazinho, que ella cria;
 Doente perde falla; falta o leite
 A súplica a Isabel foi bem accete.

Busca d'Ignez marido diligente,
 Que seu charo filhinho lhe aleitasse,
 Com fé em Isabel espera reverente
 O que bem alto Ceo determinasse:
 De noite hum clarão faz-lhe bem patente
 A' Mãe, e ó tenro filho que a mamasse:
 Agonizada Ignez amortecida
 Hum celesse suspiro te deu vida.

Dona Joanna de Mello era Abbadeça
 Das Benedictas Freiras em Semide;
 Temem que moribunda lhe faleça
 Quem tambem as governa e bem preside:
 Hum cofre das reliquias na cabeça
 Dá-lhe saude; e logo se decide:
 Na cella sente-se hum suave cheiro
 Que era do cofre só alto Porteiro.

Dona Luiza Pestrella afidalgada
 Pondo o colar sagrado em seu pescoço
 C'hum fluxo de sangue já cançada;
 Pára-lhe: tudo grita em alvoroço:
 Magdalena Rodrigues depauperada
 De leite p'ra o menino criar moço
 Dois Padrões milagrosos são da Fama
 Que as leves azas giráo d'alta Dama.

Sanguexuga atrevida s'intromete
 Por semanas cinco n'altra garganta
 Do Ministro Thomé; e lhe accommette
 O folgo; então a vida lh'ataranta;
 Na Missa ora a Isabel e lhe merece
 Em sonhos lhe fazer milagre a Santa:
 Hum doido que stava mui furioso
 Debaixo do tumulo fica glorioso.

Cego fica hum que dôres d'olhos tinha;
 Clara a vista elle alcança de repente,
 Pois elle recorre a Isabel Rainha:
 Filippa Nunes gota coral sente
 Pedindo saude; ella se lhe alinha:
 Anna Marques da peste stá doente,
 Com azeite d'alampada he untada;
 Vence a peste que então era damnada,

O Padre Luiz Pinheiro Jesuita
 No rosto hum tumor stava padecendo;
 Vai dizer Missa, tumulo visita,
 Unta-se c'o azeite; e logo vendo
 Desfazer-se o tumor; cousa bendita!
 No seguinte dia já não havendo:
 Jorge Dias alporcas elle untava
 Com azeite e pór fé logo as sarava:

A Soares Martim que tihoso era
 C'o azeite á cabeça faz unturas;
 Maravilhas raras a quem pondera
 Estas são milagrosas altas curas:
 Nas vertugas azeite recupera
 A saúde a hum que tinha fenduras:
 De Coimbra o Illustre João Brandão
 C'o azeite hum tumor tira da Mão.

Guiomar Sp'rito Santo Religiosa
 Accidentes inteiro hum mez soffrendo,
 Ao Sepulcro huma offerta fervorosa
 Lhe promette; accidentes mais não tendo:
 No mesmo dia da *Oblata* amorosa
 Para sempre lhe cessa o mal horrendo:
 O mesmo outras Freiras então fizerão,
 Pois que herico contagio então tiverão.

Anna da Ressurreição moribunda
 Promette a cera branca ser pezada,
 Se escapasse do mal e barafunda
 De perigosos symptomas atacada:
 Escapa: saúde logo lhe redunda:
 C'os milagres fica a gente admirada:
 Outros mais exemplos tão milagrosos
 Os Annaes d'Isabel contão gloriosos.

A Madre Catharina da Trindade
 Em Lamego no Claustro da Ribeira
 De grande altura cabe com brevidade;
 A Isabel ella grita na carteira;
 Fica em baixo illésa sem maldade;
 Acclama-se o milagre nesta Freira:
 Oh Pomba que da culpa stás isenta
 Nos buracos da pedra te aposenta.

Em fim tantos são altos pregoeiros
 De outros milagres taes d'Isabel Santa;
 Quantos sim até nós diz trombeteiro
 Orgão da Dama tal que os ares spanta
 Penitencias, milagres verdadeiros
 Soffrimentos, Isabel tudo encanta:
 Nardo, junco, açafraão, e cinamomo
 Tu és da Igreja nova hum claro pomo.

A Dona Abbadeça pensa em trespásse
 Determina lá as Freiras, da-lhe Aviso,
 Que de Julho a quatro se offertasse
 De Isabel no sepulcro Paraizo;
 Que Vesperas, e Missa lhe cantassem:
 A Dona mostra nisto haver juizo:
 As Freiras livres ficão do contagio,
 Que da morte lhe dava máo pressagio.

O inferno se armou contra a Abbadeça;
 Platão chamando os seus a Consistorio
 O *cerbero* abre as portas c'ò a cabeça
 As *Eumenides* com fogo adustorio
 Querem que nunca á Dona s'obedeça:
 Sahe o Cruel Monarca revulsorio,
 Nos olhos iras vibra vai mordendo,
 Na boca spuma gráz dentes rangendo.

Chega o negro Congresso pavoroso
 De furias bravas féras monstros feios;
 Todos *Convento* cercão venturoso;
 Raivas desenfreião de seus seios;
 Infernal officina, Pluto iroso
 Que puzerão em campo seus enleios:
 Das *Sacras Claras* coro baqueava
 C'os fumos que o inferno vomitava

A pavorosa Coimbra s'estremece
 C'os stupendos bramidos do profundo;
 Todo o *Báratro* aqui negro apparece;
 Desengonça-se a *Machina do Mundo*;
 S'tremccerem seus pólos bem parece:
 Da horrenda boca tal do Pluto immundo
 Sahe a voz que á *Abbadeça* põem embargos;
 Pois taes obrigações não tem seus cargos.

Dizia mais o Rei Monstro embargante,
 Que a Isabel cantar Missa não podião;
 Não star canonizada era constante;
 E que assim crimes grandes commettião
 Se *Vesperas* e Missa fossem a vante,
 Lá no seu Reino horrendo o pagarião:
 A isto os *Dragões*, *Furias* horrorosas
 Applaudirão com vistas espantosas.

Mas *Guiomar* *Abbadeça* celebrada,
 Que nos altos *Ceos* punha sua speranza,
 Que a Isabel Santa stá sacrificada,
 A *Claustro* convoca as da *Governança*:
 A turba das *Vestaes* vai denodada
 Todas a Isabel firmão perseverança:
 Canta-se Missa a quatro do tal Julho
 P'ta a *Báratro*, se manda o vii barulho.

O Rei Plutão com toda a sua scolta
 De Fúrias, de Dragões vai abaixando
 Aos Lagos de Cocytó em varia volta;
 Com hérrros todo o inferno atroando;
 Em sustos a Guiomar fica involta;
 As Virgens a Isabel ficão orando:
 Aves sonoras quaes Canções entoão
 Pois que dos Ceos as Auras bem lhe sôão.

Já cento e oitenta annos se passarão
 Praticando-se a tal solemnidade;
 Pois que sempre estas Freiras considerário
 Estava Isabel na Santa Eternidade:
 Então ao Rei Manoel bem lhe lembrário
 Virtudes d'Isabel de Santidade:
 Ao Santo Papa Leão Decimo pede
 Beatizar Isabel, e lho concede.

Em mil quinhentos seis contados annos,
 Attendendo o Papa ás obras virtuosas
 D'Isabel com milagres Soberanos,
 Letras concede a Coimbra venturosas,
 Em que seus beatiza Santos planos;
 Indulgencias alcançou derradeiro,
 Para Coimbra he só beatificada,
 Com tal penhor Coimbra he exaltada.

Chega o tempo do Rei João terceiro
 Onde, o Breve pois diz, Corte stivesse;
 Indulgencias concede a quem Romeiro
 N'huns taes dias visitas lhe fizesse:
 Paulo quarto por fim Papa pregoeiro
 Manda que seu dia Festo se houvesse;
 Suas Imagens fossem veneradas
 Como as dos Santos já canonizadas.

Dos tempos no andar Rei Sebastião;
 Que em Celestes coragens inflammado
 Forte imitou Hercules amphitreão;
 Este Portuguez, qual Anjo abrazado,
 Este de Portugal forte Gerião,
 D'alta Avó nas virtudes bem fundado
 D'Isabel zela a canonização
 Com súplicas d'interna devoção.

Mas sua triste morte prematura
 Nos campos de Mourama lhe impedio
 Lograr elle esta tão alta ventura;
 Mas Philippe terceiro a conseguiu;
 Do Papa Paulo quinto com doçura;
 Esta o Ceo ventura lhe permittio:
 O clarão d'alta Aurora a boca abrindo
 Com sorriso brotou hum dia lindo.

Os Procéssos se formão para esta Obra;
 E os Bispos de Coimbra, e de Leiria
 Do Paço hum Pinto Vaz muito lhe sobra
 P'ra julgar d'Isabel a vida pia;
 E logo a Roma vai sua manobra
 Nos milagres, jejuns de cada dia
 Nos cilícios, trabalhos já contados
 Desde a vida té morte tolerados.

João pelas Regiões dos vagos ventos
 Os écos em Coimbra verdadeiros,
 Que o corpo d'Isabel aos Elementos
 Resistira; e que estava inda inteiro:
 Lembrão-se dos passados já commentos
 Vindo de Estremoz com suave cheiro;
 Pois não se corrompendo em nono dia
 Muitos annos o Ceo lhe dar podia.

Animava tal voz aos tres Varões;
 Resolvem-se tal corpo examinar
 P'ra isto se vêr chamão-se Doutores,
 Sequazes d'Academia; vão mirar
 Do feliz Portugal Santos Padrões
 Para o corpo não podre averiguar:
 Foi isto em doze mais mil e seiscentos
 Morrendo ha quarenta e hum com mais trezentos.

Vão os tres á Igreja c'outros mais
 Que na Nota descrevo mencionados;
 Abrem desta Santa Arca seus Annaes,
 Achão tumulo com bustos declarados
 Mais em pedra dourada letras taes
 Na parede outros virão bem gravados
 Que do tempo ás azas lhe augmentarão,
 Com que devotas Freiras ampliarão. (19)

Vem logo hum Arquitero com mais outros
 Do sepulcro a pedra levantarão
 O panno carmesim vê-se com estoutros;
 Couro de boi, moleta, que mirarão
 Panno, bolsa, bordão, e aqueloutros
 Trastes lá d'Estremoz: daquella era
 Abre o Ataude hum Santo Jesuita
 Então hum suave cheiro bem se fita. (20)

Celeste suave cheiro sem aromas
 Com que seu corpo lá s'embalsamasse;
 Donde efluvios vem de tantas sommas,
 Que tantos annos ha se conservasse?
 Que vozes senti taes do Ceo diplomas
 Como no Altar Mór a visitasse! (21)
 Onde antes da tal invasão Franceza
 Cadaver se adorgu com Fé acceza.

Na Igreja não ardeo cousa cheirosa,
 Antes desta abertura huns quinze dias;
 Isto prova do Ceo força pod'rosa;
 Holocausto que a Deos faz Santo Elias
 Com agoa mostrou victima ferosa,
 Mas o Ceo logo fogo lhe accendia:
 Das vinhas lá de *Engade* cheirão cachos
 Cheiro colhem d'alfena nos penachos.

Tirada d'Ataude sup'rior taboa,
 Hum corpo humano s'observa involvido
 Na colcha d'algodão: ditosa fragoa,
 Onde s'accende a Fé, firma o ouvido;
 De linho o pano, e corda movem magoa
 Pois tantos annos ha que foi mettido:
 A vista não lhe nota differença
 Apezar destes annos de detença.

Abaixo outra se vê colcha pequena,
 Depois de linho mostrão-se as mortalhas;
 Divino rosto isento de gangrena
 Do Ceo alto clarão mostra a medalha;
 Pintão os Anjos qual viva esta Scena
 Cabello natural que bem se espalha:
 Testa, nariz, e olhos, e orelhas
 Pescoço, tudo inteiro, sobraneelhas.

Braço direito sobre o peito stava;
 Nelle se vião nervos e mais veias;
 No Estado natural se divisavão:
 Ah Lisia quanto o Ceo te banquetea;
 E quanto os altos Coros festejavão!
 Porticos cherubinos te o Ceo franquêa:
 Mirra nos destillão teus dedos puros
 D'aromas em ti Ceo fabrica muros.

Nunc dimitis então cantão as Freiras,
 Vendo toda a função por hum espelho,
 Que nos reflexos dava bem inteiras
 Milagrosas pinturas do aparelho:
 Deste corpo que tal vista primeira
 Se funda pelos ditos do Conselho:
 Neste mármore se vê eternizada
 A que stá no Ceo Bemaventurada.

Dro-se por acabada a vistoria;
 Os Commissarios, mais o Consistorio
 Cheios da mais plausivel alegria
 O Santo corpo põem nos involtorios;
 Accrescentão-lhe só por galhardia
 Hum pano d'Hollanda por offertorio:
 Reliquias dos despojos forão dadas
 Pelo Bispo as taes Freiras inflammadas.

Parte por ellas foi bem repartida
 Da bolsa, e do bordão hum grão pedaço
 A Philippe terceiro foi rendida;
 Rei que bem trabalhou com peito d'aço
 P'ra Isabel ser por Santa esclarecida:
 Nisto Philippe quarto tem canção
 Com Pontifices tres trabalha o ponto;
 O Procésso se vê; abisma o conto.

Mas assim mesmo o Papa Urbano Oitavo
 Se não resolve á canonização;
 Mas súplicas do Rei que julga aggravo
 D'Isabel; Retrato d'estimação
 Lhe envia, qual dos Anjos alinhavo:
 Urbano vê de noite n'hum clarão
 O Retrato; e Isabel mesmo lhe falla,
 Que Deos queria nos Santos alistalla.

N'outro dia seguinte o Papa manda
 Chamar da Regia causa o seu agente ;
 Declara-lhe o prodigio ; então desanda
 Levado em pensamento ao Ceo contente
 De doença perigosa que demanda
 Avida ; e ella o sara brevemente :
 Aureas alcatifas lhe suplantou
 Com que nos Altares a abrilhantou.

A canonização resolve o Papa
 Dos processos movido da visão ,
 Das reliquias milagre grande Mappa
 Manifesta aos Agentes permissão ;
 Ao Rei logo avisa e lho relata ;
 A Coimbra , a Aragão dá Provisão :
 Quem esta he que do mundo no Deserto
 Thymiamas accende de tão perto . ?

Neste tempo Castella governava
 Com Sceptro a Portugal escravizado ;
 Huma e outra Nação mais bem stimava
 Ver d'Isabel Altar enthronizado ;
 Lisia vio a Rainha que adorava ,
 Iberia d'huma Infanta o Santo Estado :
 Fonte que dos pomares corre franca
 Do Libano Monte por vias tantas.

Então de Coimbra o Bispo Dom Affonso ,
 Que de Castello Branco era nomeado ;
 Ramo de Cherubins Celeste tronco ,
 Nas Laudes d'Isabel Santa inflammado ,
 Deste negocio tal se faz responso
 E nos Lisios Annaes vai celebrado :
 Hum polido caixão , lavrada prata
 De special pedragia á Santa *Oblata*

No meio deste magnifico Theatro,
 Onde d'Urbano Papa o Throno stava,
 Alta cornija faz amphiteatro;
 Frontespicio redondo que brilhava
 Do Papa pinta as Armas alto Quadro;
 Tudo Sob'rana Pompa respirava:
 Statuas da Trombereira Dama havião
 Que as Armas d'Aragão e Lisia abrião.

Entre as colomas statuas dos passados
 Quatorze grandes Reis dos Portuguezes
 E as Armas dos Reis tinhão riscados
 De perfis de fino ouro varias vezes
 Todo o corpo do Theatro tem dourados
 Que muitas bem denotão solidez
 Columnas, candieiros, bazes, frizos
 Baluartes, pilastres, spaços lisos

O branco, e fino marmore fingido
 Toda a fabrica mais representava;
 Huns cinco quadros ha que tem sculpidos
 D'Isabel os milagres que ella dava:
 Nos arcos da capella stão luzidos
 Pendentes diademas, que brilhavão:
 Só em descrever tão sublime historia
 De fogo s'enche o peito, alma de gloria.

Rodava o carro d'onro refulgente
 Sobre os Gemoos que natre o Ceo strellado;
 Chegando-se á baliza d'area ardente
 C'o caranguejo arrosta avermelhado:
 Vinte e cinco de Maio florecente
 Dia que pelo Papa stava dado:
 Por bocas de carmim toldada Aurora
 Com boninas s'adorna Isabel Flora,

Então dos Cardoae: Sacro Collegio
 Com Bispos, Arcebispos bem ornados
 Vem c'o Papa Urbano Varão Egregio,
 Na Capella cantão hymnos propriados
 Celebrando de Lisia o privilegio
 Nos favores do Ceo tão exaltados:
 Huma Procissão grande se celebra
 Toda a Roma nos canticos requebra.

A Musica sonoros écos dava
 Pelas Praças de Roma e seus Terreiros;
 D'Orpheu, e d'Arião nada faltava
 Dos instrumentos d'ar tão pregoeiros;
 Acaba a Procissão que demandava
 N'Altar ouvir-se *Orate* derradeiro:
 Todas as Ceremonias, Orações
 Dizem Santa Isabel nos corações.

O Papa canoniza Isabel Santa
 No Santuario da Gloria a considera;
 A Coimbra se manda nova tanta
 Por Theodosio Duque que s'esméra:
 Filippe quarto com prazer s'encanta
 De Coimbra avisa a Camera que impera:
 As Freiras exultão em alegrias
 Repicão sinos, cantão melodias.

Mas *Linces* infernaes do Acheronte
 De medonhas carrancas revestidos
 C'os olhos de Vulcano e de seus Brontes
 Flamejando-lhe a vista com bramidos
 No throno de Plutão instão defronte;
 Gritão e altos fazem estampidos:
Oh tu dos Entes Magno Creador,
Não dêes á Lisia este Astro brilhador.

De seus vícios a linha deixa ir
 Onde lhe de prazeres turbilhão
 Os conduza; e mais não possam surgir;
 As portas lá d'inferno pois então
 Para seu abrigo eu farei abrir:
 Cala d'Isabel canonização;
 A multidão *Jehova* então verás
 D'almas perdidas tu que admirarás.

Mas de Lisia o Senhor compadecido
 Sustentando d'Ourique o pacto feito,
 E a Divina Mãe com seu gemido,
 Qual *Esther* d'Assuero ao lado direito,
 Arrostão com Plutão enfurecido;
 Das infernaes moradas toma o leito:
 Oh! Feliz Portugal ditoso ficas
 Tu súplicas ó Ceo livre dedicas.

Ah! feliz Coimbra *Cidade ridente*,
 Luzida *Çarça*, Horeb incombustivel,
 Luminarias te vestem, Monte ardente
 Que feliz dia! Que Aurora apprazivel
 Toucada viste d'ouro em teu Nascente!
 D'Isabel logra o tumulo apprazivel:
 Jerusalem do cerco livre fica
 Pois David seu sepulcro lhe dedica.

Logo que as frechas d'aura luminosa
 Dourarão seu matutino horizonte;
 Logo que o Sol vêr deixa a face airosa,
 E d'aureo rosicler tingir o Monte;
 Soa por toda a Coimbra magestosa
 Da Fama a Clarineta em leda fronte;
 Nos Collegios, e Sé, Universidade,
 Repiques, luminarias na Cidade,

As Festas fazer vão mais avultadas
 Bispo, Universidade, alta Coimbra;
 Filippe quarto em Madrid assignadas:
 P'ra a historia cantar mais bella e linda
 De todas darei notas brilhantadas,
 Com que bem d'Isabel celebre a vinda:
 Presta-me tu Euclides teu compasso
 Para certo riscar obras que eu traço.

De Dom João Manoel sábia cabeça
 A Mitra de Coimbra sustentava;
 E p'ra que em Lisia mais nos resplandeça,
 Arcebispo depois Vice-Rei acaba;
 Como o sangue Real o ennobreça
 A' sua custa só ás Freiras dava;
 Qual de Phrigia o *Midas* oppulento
 Tudo verte em ouro p'ra luzimento.

Lucidos Amphiteatros construo,
 P'ra o que mais de dois mezes gastou;
 Hum quadrado d'altura tal surgio,
 Que dozentos oitenta ostentou
 Pálmos; e nisto o Povo s'atrahio,
 E sua devoção mais requintou:
 Isto de S. Clara no Rocio
 A par do Miradouro junto ao Rio.

De perspectiva igual tinha os palanques
 Em Arcos Magestosos ordenados,
 Pilares, pedestaes, tudo desbanques,
 Estrados e mais frisos tudo ornados
 Formados em squadria relevantes;
 Cada palanque tem andares dados
 P'ra tudo s'avistar; repartimentos,
 Balaustes, pilares são centros.

Os físis, balaustes, e pilares
 Desta qual foi de Memphis maravilha,
 Tantos no Egypto lá que teve altares
 Em toda a Coimbra resplandece e brilha:
 As cores huns rivaes são exemplares
 Das que ensinou d'Apelles a cartilha:
 Marmores variegados denotavão
 Com que o Amphiteatro abrilhantavão.

De soberbas pyramides corôa
 Nesta Machina punha-lhe o Prospecto;
 Huma maior que a fama lh'apregoa
 Com palmos oitenta p'ra o azul recto;
 N'huma base de quadro a Fama vòa
 Quanto diz Senhor Mitrado Architecto:
 Da base hum pedestal Corinthio alça
 Quatro carões de prata que realça.

Huma grande sphaera lá n'alta ponta
 Da pyramide grande com bandeira.
 De Isabel muito bem se lhe confronta,
 A Cruz de Christo aqui pot derradeira
 De gloria c'roava o que a Fama conta
 Em Portugal, Spanha, n'Europa inteira:
 Pyramides d'Egypto em funeraes;
 Em Coimbra trophéos são d'Armas Reaes.

Das Claras Reverendas a Igreja
 Mai revcrente foi bem adornada;
 Ouro e prata aqui tudo flameja
 Sol, Lua, e metaes lhe dão fachada;
 Com télas, com brocados lampadeja:
 As Freiras tudo enfeitão d'alvorada:
 Alegres stão do Pindo as Divindades
 No Convento a mirar Festiuidades.

Quando do Seraphim chagado canta
 A Igreja seu vôo remontado,
 Foi o Bispo em Procissão vêr a Atlanta
 Virtuosa, com Cabido acompanhado;
 Vesperas cantão só em Festa tanta;
 Depois Pontifical he celebrado:
 Nos outros dias cada Religião
 O mesmo praticava c'hum sermão:

Os dias em Festins gastava a gente;
 Comedias, Letras novas, Entremezes
 Discretos versos, Lacio refulgente
 Repetidas em muitos dias vezes;
 N'Amphiteatro Comedia reluzente
 Pela primeira vez attrahe cortezes:
 Nas fugitivas azas d'alegria
 Voava o tempo, era pequeno o dia.

Na tarde seguinte houve outra Comedia,
 Qual de Roma luzio Amphiteatro;
 Os bravissimos touros dão tragedia
 Das pyramides grãos formão Theatro:
 As trompas, atabales, charamellas
 Medonhos écos sóta o grão Baratro:
 Toureiros de cavallo Cortezões
 E de pé toureavão Cidadões.

Já soberbo cavallo arrogante,
 Pégazo do Parnazo que voava,
 Azas nos pés denota mui brilhante,
 Com seus jaêzes d'ouro s'enseitava
 O sábio Cavalleiro dominante:
 As mãos nas cilhas dar o obrigava
 Com spumoso ardor, airosa frente,
 C'oas mãos fêre a terra de repente.

Em giros vagueando o Grão Tetreiro
 Capitel emplumado, Pompa airosa ;
 Em cortezes requebros mensageiro ;
 'A vista no Theatro põem gloriosa ;
 Tres vezes o cavallo bate arteiro ,
 Tres vezes volta atrás ; volta briosa
 Qual undoso baixel em *vaisvens* indo ,
 Que as ondas cortez vai bem dividindo.

Outros mais Cavalleiros o seguirão
 Com agudos rojões fortificados,
 Que encravados no peito touros f'rião ,
 Outros da forte spada crão cortados ;
 Erão gentís desgatros que fazião
 Com mais illustre gala matizados :
 Dos cavallos luzindo as ferraduras
 D'huns espelhos fingião formosuras:

Huns vinte Cavalleiros n'outra tarde
 De capa , gorra , joias bem luzidas ;
 Em ginetes briosos dão alarde
 Caprazões, jaezes d'outro muí guerridos
 Pelas roas passando onde a Festa arde
 Com pélas , atabales, e ruidos :
 Os *vivas* no Oceano lá dos ventos
 Atroavão do Globo os Elementos.

Entrarão no Rocio perfilados
 Dois a dois ; pár a pár em correrias
 Em giro bem vallando os tabolados ,
 Manilhas dos aneis por galhardias
 Formavão estes Parthos afamados
 Excessivo primor das Cortezias :
 Premios, vivas, louros, galardões
 Dos gentios Carvalhos são Padrões. (22)

Na tarde quarta Festa há differente;
 Comedia nova há; Letras diversas,
 Musica soa acorde grandemente;
 A viola d'*Arião* tem cordas ternas:
 Dourados pedestaes de Coimbram gentes
 Bailes, festins nas ruas e travessas:
 Recitando bem versos e Poemas
 Canções varias, altos sutis emblemas:

Chega a tarde quinta dia apraza lo,
 Em que d' Almeirim touros pôr fizeram
 Azas a Cavalleiros affamados:
 Bramia o touro a quem as ervas derão
 Do Vecejançe Abril motos sforçados;
 Dos Cavallos as pernas azas erão
 Para a morte fugir dos bravos touros,
 Sem que os Campeões matassem com desdouros,

Mas estes com valor alado e forte
 Entregues ao furor em ira ardendo
 Repetem-lhe o giro fugindo á morte;
 Encara o fero bruto olhos volvendo
 Qual raio que da nuvem traça o corte
 Os Campeões mais se vão enfurecendo;
 Vencem: e n'hum cypreste pendurados
 Deixão os seus tropheos ensanguentados.

Sexto dia terceira traz Comedia
 Presumida por extremo em belleza;
 Pois novas galas ha novas Tragedias
 Li d'*orphen* novas erão gentilezas;
 Bailes, galas, roadas erão medias
 Formas d'altas cantar gentis emprezas:
 As Ninfas Jo Mondego alto cantarão
 As Comedias que alegres entoirão.

Vem setimo que faz dia o Senhor,
 Que c'hum dedo orbes tantos andar faz,
 A Coimbram Fidalguia por amor
 Hum luzido Festim fazer-lhe apráz:
 Vão vinte Cavalleiros, nobre flor,
 Conduzidos por hum que era o Primáz:
 Dom Antonio chamado Mascarenhas
 Dos Condes d'Atalaia tem resenhas.

Marlôcas, Capilhares, Laçarias
 Trumfas, touquilhas, volantes prateados,
 Os florões d'ouro, plumas, carmezas,
 Do Primáz quadrilheiros vão smaltados:
 D'outra quadriilha vai com vestiaras
 D. João d'Ataide e os sociados:
 Este teve sutil engenho e Arte
 Pois que soube juniar Minerva e Marte.

'Dos Paços lá do Bispo sahe a trôpa
 Diante delles hião tres trombetas;
 De seda com vaqueiros, girões nota,
 Ouro e prata luzida nas fardêtas;
 As Canas dooradas cá d'alta Europa
 Vão formar a batalha por gracetas:
 No Rocio *Belona* brincadeira
 C'o grande Povo stava festejeira.

Dos grandes stavão seis muito luzidos,
 Bispo Conde D. Pedro de Menezes
 De Coimbra, de Cantanhede apellidos
 Condes; vindos de Godos Portuguezes
 D. Pedro Manoel do Bispo havido
 Por Irmão; D. Gastão que por arnezes
 De Continho bem fez fugir os Mouros
 Lá em Mazagão qual Campeão de touros.

Outro de Menezes Francisco Brito
 D'Academia Reitor mui vigilante;
 Que p'ra seu Nome louvar foi qual Tiro
 De Roma delicias, de Coimbra Atlante;
 D'André d'Almada outro se acha scritto (23)
 O Nome só lhe basta triunfante:
 Já tardava hum titulo nos Almadas
 Depois de Guilherme de Longas spadas.

Não foi em Canas d'Italia o Arraial
 Maior que esta em Coimbra por batalha;
 Naquelle o valor do grande Hanibal
 Tudo com ferro, com sangue atrapalha;
 Neste as Canas de Coimbra não dão mal;
 Nada tem ferro, nada tem meiralha:
 Das trombetas o som bem se alternava
 C'os vivas mui diversos alegrava.

No Domingo de Festa oitavo dia
 Magna Procissão faz Senhor Mitrado;
 Salmo = *Laudate Dominum de Caelis* =
 Foi a base em que funda o processado;
 Tudo o que o Mundo traz lá de *excelsis*
 De tudo faz hum comulo aggregado:
 Anjos, Sol, Lua, Montes e Estrellas
 Neves, ventos, raios faz descrevellas.

Das Portas da Sofia inda lá fóra
 Do Lazaro Templo sahe Procissão;
 Atabales, clarins, pompa sonora
 Guião hum Cavalleiro Cortezão;
 Com joias preciosas se decóra
 De seda alçado leva hum guião:
 D'Aragão Armas tem mui bem pintadas
 Nesta face, e as de Lisia respeitadas.

D'outra d'Isabel stava alto retrato;
 E a Letra a seu lado apropriada
 De Música vão coros por Ornato;
 Carroça triunfante era puxada
 Pelo grande *Abestruz* em apparato;
 Ave que he de mór vulto adornada;
 Real Profeta no Carro vai sentado
 Em sceptro, roupa, e roa respeitado.

Passamanes com ouro e bordaduras
 Sens vestidos Reaes acrizolavão,
 Finas perolas, jóias, pedras duras
 Os raios d'alto Phebo envergonhavão:
 Huma tarja na mão leva a figura,
 Com Letras, que Isabel Santa mostravão:
 Hercules vai no baixo arrogante
 Sustentando em seus hombros o Atlante.

Entoárão no Globo do Real Carro
 De Musicas dois Coros sonorosos
 A' Letra respondendo em som bizarro,
 Quaes da tarja louvores amorosos:
 Anjos tres vão depois gentil desgarrô-
 Rafael, Gabriel, Miguel formosos,
Laudate eum Angeli cantavão
 Com que do Ceo os mais elies chamavão

Seguem-se Sol, Lua, e mais Planetas,
 Que a abóbada azul d'alto Firmamento
 Matteiando aos ouvidos quaes Trombetas
 Mostra haver d'hum só Deos conhecimento:
 Do Sol a Figura era qual Cometa,
 Radiante cauda lhe faz spavento;
 No peito tinha hum Sol de fino ouro
 De fulgidos Raios desbocadouro.

De branca tunicellã veste a Lua,
 Hum colete de prata e quartões;
 Na cabeça nem cresce nem mingua,
 Diamantes lhe formão seus Padroes:
 Jupiter e Marte hião com as suas
 D'Armas insignias que são rojões:
 De Primavera Venus tem vestido
 Como stella na mão vai seu Cupido.

Vai Mercurio; Saturno vai seguindo
 Ambos em alegria perfumados;
 Vasto seu *annet* vai bem dividindo
 Os tristes dos alegres celebrados;
 D'*omnes stelle* o Cantico abrindo
 D'hum *Laudate* elles vão abrihantados;
 Segue-se das Estrellas outro Globo
 Atlante posto vai d'aureo modo.

O alto Globo vinha rutilante
 Com *Calistos*, *Pleiades*, *Cynosuras*;
Orion de *Diana* caro amante
 A quem *Scorpião* tirou suas frexuras:
 Carneiro, Taoro, Marte dominante
 A balança, a cabra, cancro em figura;
 Já outras *strellas* mais do Promontorio
 De Luzes vem, ou Sôes Laboratorio.

Rodava a terra n'hum soberbo carro
 Sobre huma longa serpe sustentado;
 Qual de *Pythou* tripeça para o bizarro
 Apollo nella stando collocado;
 Frutos, Arvores, plantas este barro
 Germina por *Jehova* só mandado:
 Sobre hum *Throno* sentada esta figura
 D'hum *Leão* com pé bate a greiba dura.

Junto ao feroz Leão lançados stavão
 Sceptros, C'roas, tambores já vencidos;
 Do cruel Marte Imperios que exhalavão
 Os fulguerosos raios accendidos:
 Na cabeça huma Torre bem lh'armavão
 Firmes os Elementos estendidos;
 Na terra altas façanhas lominosas
 A tinta sceteve mais que as fabulosas.

Dois Filhos da tal Terra vão diante;
 Giges era seu Nome e Briareu
 Dois tão altos famosos grãos Gigantes
 Laudate Dominum de terra he seu
 O Cantico indicado tão flamante:
 Doas Filhas da Terra Irmãs d'Anteu
 A quem com flores Flora enfeitava,
 E com que a Procissão abrilhantava,

Dois d'aspecto terriveis huns Dragões
 Caminhavão atrás qual sentinella,
 Dos Jardins das Hesperides spiões
 Laudate eum Dracones diz tabella:
 Menos erão que Hercoles valentões;
 Segue-se então Neptuno e a parentella;
 N'outro triunfante carro Deos marino
 Que os cavallos do mar tem por destino.

De verde mar as cores o smaltavão;
 Huma concha de prata dava o brilho,
 A que quatro paineis representavão
 Tritões, embarcações, peixes coquilhos;
 Penhascos, e Sereas denotavão
 Canas, redes, anzóes, affogadilhos:
 De Sereas a Dança vem atrás
 Aquae super Caelos cantão em paz.

Grande outto Carro o Ar representava
 Placidamente airosa em pé se mostra
 Esta figura em Cameleão sentada
 De furtacores veste; o Sol arrosta
 Huma Ave traz na mão Sobranizada;
 Na cabeça huma Nuvem se demonstra:
 Passaros, caçadores, perdigueitos
 Erão desta Figura companheiros.

Outras vinhão a pé mais figurilhas
 Fogo, neve, saraiva, caramelo:
 Pois cahião do Ceo suas quadrilhas;
 Monte *Etna* he de chammas o modêlo:
 Nuvem desste volcão são suas filhas;
 Fazem-lhe d'algodão vestido bello:
 Duas figuras mais que denotavão
 Saraiva, caramelo em joias gravão

Ignis, grandis, nix, glacies era a letra
 Com cara vermelha o fogo pintava;
 Com caras brancas d'outros por graetas
 Eólo Rei dos ventos se assentava;
 Quêl *Orpheu* lá dos matos com trombeta
 Sobre hum Monte onde os ventos convocava:
 De pennas, e d'azás figuras quatro
 Na sua base leva o bello quadro.

As Salamandras outro carro levão
 C'o flamante Vulcano levantado;
 Diante vai a forja em que s'empregão
 Os dois Brontes Ferreiros; malho alçado:
 Brazas, faiscas, fogo tudo alegrão;
 Vai Cupido menino desnudado;
 Na mão arco; vendados leva os olhos
 De setas lá n'aljaya enfeixa os móihos.

Vai atrás hum Soberbo Cavalleiro
 Da concordia altamente figurando ;
 Hum branco Pendão leva e hum letreiro
Qui faciunt verbum ejus representando ;
 Em duas mãos pegadas verdadeiro
 Amor ; e huma C'roa rematando ;
 Varios com elle vão Arcabuzeiros
 Brilhantes leva mais huns Cavalleiros :

Vão os Reis ; o Dom Jaime , o Dom Fernando ;
 Não sanguinosas levão suas spadas ;
 Concordia fizerão Isabel orando ;
 Porém antes as levão arrancadas ;
 Segue os El Rei Diniz no mais andando ;
 Dos Affonsos irmão , Filho ás mãos dadas ;
 E n'outro Carro vai mui Magestosa
 Santa Isabel Rainha gloriosa .

Reges terra ; omnes populi , se diz
 Na letra ; e as doze Tribus que Simeão
 Goiava com Escudo que condiz
 Na letra = *Omnes Tribus terra* = então
 Juizes d'Israel d'aureo matiz
 Nos vestidos antigos elle vão ;
 Sendo o maior Profeta Samuel
 = *Omnes Judices terra* = diz papel .

N'outro Carro vai Abel innocente
 Rodêado de meninos e meninas
 Com capellas de flores vão contentes ;
 = *Juventus , et virgines* = letra ensina
 Mais outro Carro vai que grandemente
 Sciencias leva bem d'alta Doutrina ;
 Canones , Medicina , Theologia
 Governadoras Leis , Filosofia .

Huma formosa Não a que s'avista,
 Alegremente vai empavezada;
 Na Popa huma bandeira por conquista
 Com flamas, galhardetes adornada;
 Nella sentada vai Isabel Clarista
 Freira: qual Florá a mais rev'renciada:
 Das Rosas o milagre por festejos
 = *E Laudate Dominum in Sanctis ejus.* =

Da Não quatro figuras occupavão
 A frente que a Isabel mostrão virtudes;
 Humas letras a Não condecoravão
 = *Laudate Dominum omnes virtutes* =
 Estas virtudes quatro bem cantavão
 Ao som de campainhas e alaudes:
 = *Laudate in Cymbalis bene sonantibus* =
 A Deos c'os sinos façamos Canticos.

Depois vai huma Não lá n'hum andor
 Grande com quatro Santos d'alta monta;
 Luiz, Antonio, Ignacio, Bento Mor
 Dos Monges de Palermo que se conta:
 E d'Ophir todo o ouro com primor
 Das Indias pedraria bem s'aponta;
 P'ra enfeitar das virtudes os Magnâtes
Canticum novum Domino cantate.

Do Serafim chagado vaj a gente,
 Salmos cantando: o Palio depois vai;
 O Sacerdote leva em sua frente
 D'Isabel o bordão que pobres attrahe;
 Da Camera o Grão Senado f'ui luzente
 Com Justiças de Coimbra alegre sabe:
 Alto Sol que voava; o Sol corria
 Nas sombrias trévas acaba o dia.

A Procição termina; e n'outro dia
 Os torneios se fazem no tal campo;
 Outro Tablado ha com bizartia
 De quarenta e cem palmos que dá spanto;
 Pyramides lhe fazem galhardia:
 Os globos, as bandeiras dão encanto:
 Sacrilegos Gigantes que dão guerra
 Ao Ceo, que o Grande *Jehova* lá encerra.

N'hum Carro triunfante vem *Sá Pereira* (24)
 Dos Marquezes d'Abrantes descendente,
 D'artilheria as peças em frenteira
 Seu braço forte ostenta este valente;
 As Salamandras vão na dianteira
 Puxando o Carro deste combatente;
 Pifanos, e tambores, clarinetas
 Esta atroavão Praça nas carretas.

Apeou-se em faxas d'outro involvido
 Hum elmo, tonelere, e guarnição
 Sanguineo desafio presumido
 Huma cruenta guerra indica a Mão;
 O Pagem do Escudo: leva sculpido
 N'huma Nove Isabel lá d'Aragão;
 C'o a *Letra* p'ra pôr n'alta Cabeça (25)
 Do Mantenedor bem que o enobreça.

Vai o Mantenedor lá ó Theatro
 Com Acha d'armas que he muito dourada;
 Vem Dom João d'Ataide em apparato
 De Cortezão Padrinho á escada;
 Com Nicolão de Sá triumphato
 Fazem as cortezias celebradas:
 Fidalgos depois vão aventureiros
 Cortejar os Juizes Cavalleiros.

Descem depois de em terra haver deixado
 Capas que naturaes fingião cousas;
 Da montanha lá hum já sahe pasmado,
 Outro d'huma serpe que baixo o pousa;
 Féras, Monstros, Castélos tudo armado
 Lá no jogo do ar flâmeja e stoura:
 Com strondos ensurdece o Horizonte
 Cometas vibrava Colimbra em Monte.

Já dos Aventureiros arde a guerra
 C'o as lanças, e spadas braço a braço;
 O horrendo Marte tudo aterra
 Fidalgo em briga nunca tem canção;
 Pois por vergonha nem grita nem birra;
 Se o corpo he de ferro, a alma he d'aço.
 As penhas stremecêrão d'alto Monte
 Columnas s'abalárão d'horizonte.

Com mui lozidas galas vem vestidos,
 Qual Dido por si fez lá em Carthago
 Pra ó Eneas seu d'ouro hum tecido;
 Vão ao Campo de Marte no aprazado
 Dia em que os torneios dão bramido
 As lanças, as espadas davão brado;
 Quaes touros stremecer fazem a terra
 Quando o forte Campeão rojão lhe féria.

Este jogo de Marte em brincadeira,
 Que as Naves do Atlante arrombaria,
 Furiosa pintava-lhe a vizeira,
 D'huns contra outros a rija bataria,
 Alternando d'huns e outros a carreira
 Em quanto o Lampeão do Ceo faz dia:
 Da Brigada então cessa o Marcio jogo
 Sem ninguem se ferir com ferro ou fogo;

O Mantenedor Ramo dos Sãs Perceiras
 Que com titulos hoje Lisia adorna;
 No jogo premiado das garceiras
 Armigeras em maior premio s'orna
 D'Anadia a vindouros tal Palmeira;
 Todos por huns Heroes Bellona forma:
 Então acabar vai Conde Mitrado
 A Festa, Vice Rei, Real Prclado. (26)

A Cidade então faz as suas Festas
 Sete dias que forão continuados;
 Torneios, luminarias, e orquestas
 Alcanzias, e touros garrochados
 Comedias, muitos balles, e florestas
 Tragedias, manilhas, festins alados
 Tudo quanto alegra esta Cidade
 Que *Hereules* lá riscou á posteridade. (27)

Logo Universidade vai mostrar
 Seus Festivos applausos á Rainha,
 Por se Santa Isabel canonizar:
 Minerva premiou estudante linha
 Que das Musas virtode singular
 Em versos seus a cantão por Madrinha?
 A sala de *Academo* lhe dá começo
Apollo nelles dá louvado apreço.

Nunca o Parnaso foi tão tarregado
 De Poetas bebendo na *Castalia*;
 Nem *Helicon*, *Cythero* celebrados
 Tantas graças tiverão d'*Audalia*;
 Nunca o Deos da *Cithara* deo mais brados;
 Como s'encantou *Coimbra* com *Thessalia*;
 Cada estudante *Apollo* parecia
 Em honra desta Sábja *Academia*.

Do Collegio Bento o D. Abbade
 Eloquente elle orou qual boca d'ouro,
 Chrysostomo outro foi na apparidade;
 De Demosthenes copêa seu Thesouro;
 O *Prestito* vai da Universidade
 O tumulto visirar Augusto Louro:
 Cantando elles vão louvando agora
 A Isabel que de Lísia ostenta Aurora.

N'outro dia na Igreja festejarão
 A coros d'alta Musica afinados
 Com a Missa que os Anjos entoarão;
 O Bispo d'Angra orou com taes agrados,
 Quaes sempre nos Dominicos s'observarão;
 Antonio da Resurreição dá brados:
 As azas bateo Dama voadora
 A gente c'o clarim faz sabedora.

Na Corte que aurea *Venus* brilhantou,
 Onde flameja o *Hespero* nocturno,
 Quando Phebo no mar se sepultou,
 Reaes Fesras Madrid faz no taburno;
 Filippe quarto então bem ordenou
 Festas que lá alegrassem a Saturno:
 Festeja sua Real Progenitora
 Que de Lísia e Iberia he Protectora.

Mascaras, luminarias, bravos touros,
 Fileiras militares mui brilhantes,
 Fingidas guerras, polvora em stouros
 Deixão Praça vazia aos Militantes:
 Então sabe D. Duarte com seus louros
 D. Aitona, o Marquez ambos fatfantes;
 Das canas brigas fazem Valentões
 Quarenza e oito erão taes Leões.

De Phebo o carro d'ouro alto giravá
 Rodando nos Oceanos do vento;
 Que avassallados tinha, e bem levava
 D'Hespanha Grandes taes, tal elemento;
 De Ganimedes Aguia qual alçava
 A taes Heróes do Sol lá no Assento:
 Duques erão mais Condes e Marquezes
 Conduzindo a ElRei por muitas vezes.

Durou esta Brigada toda a tarde
 Até que de Titão braza luzente
 Nos braços de Theris com bello alarde
 Perde o brilho, vem noite descontente;
 Acaba quanto he Festa; a Fé só arde
 Nos corações do Luso reverente:
 Seus Templos deo a Fama ás Freiras Claras
 Ao Mundo seus Padrões, a Isabel Aras.

Quando dos seculos azas bateadoras
 C'o strelado Mondego competirão;
 Quando deste margens recreadoras
 Suas alegres praias submergirão;
 E do tempo as voragens destruidoras
 Com bancos d'alta areia as entupirão:
 Então seu alto leito se levanta
 Pois da nevada *strella* traz a manta. (28)

Herminios montes são onde *Vriato*
 Dos Romanos á força resistio:
 Aqui nasce o rio lá d'hum regato;
 Daqui sua torrente se surgio,
 Nô inverno bravo vai, no verão pacato;
 No Lago de Neptuno s'infundio:
 Areias elle traz consigo tantas
 Que juntas a Coimbra dormem mansas.

Dos annos rijos dentes roedores
 C'o as forças das aguas do Mondego;
 Tantos areiaes vem entupidores
 Que a segunda Igreja dão catrego:
 Teme Coimbra aluviões destruidoras;
 N'outro Convento cuida Real emprego:
 E por que a Ponte ja embaraçava
 A areia que descia e navegava;

Segunda Ponte o Rei Manoel brioso
 Construir bem mandou valente quando; (29)
 Os pelagos d'Aurota busca airoso
 Depois que então primeira levantando (30)
 Affooso Henriques fica glorioso,
 Para Mouros melhor ir fugentando:
 Aureo Rei Manoel mandou pedir
 A Julio Convento outro construir

Pois que Claustros, Igrejas, Corredores,
 Portarias b'agua erão alagadas;
 As Freiras qual Jardim de frescas Flores
 Murchavão com iriseza e com cuidados:
 Era o Conventos então ilha d'horiores
 Tudo em afflicções d'ava grandes brados:
 Annos então coriêrão mais de cento
 Em que d'outro Mosteiro faz assento

Chega o quarto João, que o Ceo nos dá lá
 Em navens d'aurea côr resplandecentes
 Empenha quanto ouro Sumatra lá
 Nos mandá o seu Ophir tão reluzente;
 Quanto aurea Moçambique em-giébas ha;
 Quanto a Brazilia manda refulgente:
 Qual pyramide Egypto grande alcança,
 Tal Mosteiro se faz no monté Speranças

D. Antonio Luiz lá dos *Menezes*; (31)
 Onde o esquecido *Lima* se recorda
 Ser dos Godos atraz altos freguezes,
 A sua conta toma a plataforma
 Do novo Real Mosteiro em muitos mezes;
 Riscada do Convento deixa a fórma;
 De Cantanhede Conde era elle então,
 De Mariaiva depois teve o braço.

Quería o quinto João com brevidade
 Que este colosso *Sperança* s'acabasse
 P'ra tudo s'aprontarem sua idade;
 Que Remora dormente o não tocasse:
 Dos Bentos hum lhe dá por Sociedade
Turriano Lente que o ajudasse:
 A primeira pedra se vai lançar
 Por Saldanha Reitor em seu lugar.

De Coimbra Arcopágos se convocão
 Escolhem dia tres d'ardente Julho: (32)
 Lê-se do Rei a Carta que adoptão;
 E todos á Procissão vão com orgulho
 Lá ó Monte benzer Lugar que votão;
 Coimbra alegre vai com grão barulho:
 Escolhe-se na *Sperança* hum tal Lugar
 Nelle a primeira pedra vão lançar.

Tal anno foi Augusto celebrado
 Nos Fastos d'alta Lisia que se contão:
 Só de Christo mais são dias lembrados
 Entre tantos que os *E'vos* nos apontão:
 Camera, Academia, Sé, e honrados
 E com elles os Anjos se confrontão:
 O Lugar abençoão p'ra a Santa Arca
 D'Isabel incorrupta Matriarcha.

Festiva fazem mais a cerimonia;
 Missa a quatro do mez foi bem cantada
 Por tres de Musa c6ros lá da *A6nia*
 Fonte que na *Boccia* he celebrada;
 Moedas d'ouro e prata em *Lingua Ausonia*
 Lanção para os vindouros historiada:
 Letreiro põem na pedra bem descrito
 P'ra segundo dos homens infinito.

Junto então das que a *Clara* consagradas
 f'rmãs Nome lhe dá o *Evo*, e *Freiras*,
 Hum Auto bem se faz d'antepassadas
 Tenções de outro Convento pregoeiras;
 Tudo em *Coimbra* exulta as *Decretadas*
 De *João* quarto f6rmas e maneiras:
 C'o Ceo stellado *Coimbra* competeia,
Nocturnas luminarias fazem dia.

Principia-se a obra do Edificio,
 Que do *Mondego* as *Ninfas* admirarão;
 A *Cidade* se ri em frontespicio
 Ellas lá seu prospecto festejarão:
 Pouco menor a *Mãtra* he este hospicio
 Das *Vestaes* de *Clara* que se alojãõ
 Vinte e oito annos gasta a construcção
 P'ra a *Isabel* se formar tal Pavilhão.

Já então qual cadaver stava o velho
 Baixo Convento junto á longa *Ponte*;
 Por milagre conserva já revelho
 D'*Isabel* o corpo em *Divina* fronte:
 Então *Pedro* Regente o *Evangelho*
 Desta *Nova* qual toma l'haeronte:
 Cuida na mudança do corpo inteiro
 E das *Freiras* p'ra a casa d'alto *Qiteiro*.

D. José de Menezes logo manda
 P'ra Reformador d'Universidade,
 Bispo eleito então, que era de Miranda;
 E que bem do Convento integridade
 Lhe dissesse; e o que mais nelle demanda:
 Do Bispo supplicar vai a bondade
 D'ir vêr o Edificio do Convento
 Concluido por fóra e mais por dentro.

Fr. Alvaro de S. Boaventura
 De Coimbra que hê Bispo e mais Ramo
 Dos Marquezes de Gouvea; a Clausura
 Concluido, vai vêr, este alto Pano:
 Tudo elle acha em lustrosa compostura
 Qual de Salomão Templo Soberano:
 Nelle se pôde pôr Isabel Justa
 Qual foi o Vaticano em Roma Augusta.

Breve Reformador vai a Lisboa
 A Sua Alteza bem representar,
 Que o Mosteiro completa obra stá boa
 E que antes do inverno devem star
 As Freiras nelle; pois a voz pregoa
 Que inundaçãõ alguma as vá afogar:
 Que o tumulto d'Isabel mudar se deve
 Pois que seu corpo inteiro se conscreve.

Manda o Grande Pedro Hercules valentê; (33)
 Segundo Mariz conta, mais a Fama,
 Na pia devoçãõ Rei eminente;
 Manda a seu Conde Bispo, que s'inflamma
 Nos louvores da Santa mui contente,
 Dispôr tudo o que pompa bem s'aclama:
 P'ra se fazer Real a Procissãõ
 Das Freiras, d'Isabel trasladaçãõ.

Que todo o Clero fosse, e Religiões,
 Muitos Titulos mais e Conselheiros,
 Para as varas do palio e mais pendões,
 Que as Claras coro d'Anjos festejeiros
 Submissas vão orando nas Canções
 Junto do tal Sepulcro dianteiras;
 Que d'Isabel lhe levem seu caixão
 Os Bispos na maior veneração.

Que de Coimbra o Mitrado Conde atraia
 Do pallio vá de Papa bem vestido;
 Depois vá de Minerva o seu Primaz
 C'os Filhos a que Apollo dá apellido;
 Depois Real Senado que bem faz
 Do Grão Pedro o Paineil esclarecido:
 N'outro dia demanda celebrar
 Bem de Pontifical Missa no Altar.

E que o do Porto então fosse prégar
 O Bispo, que Linguas d'ouro imitava;
 Que hom Real Secretario vá mandar
 Isto tudo; e o mais que precisava
 Para que em pompa Augusta vá mostrar
 Obra que lhe alio Ceo representava:
 Manda a Roque Monteiro mais Paim
 Que a Fama lhe apregoa em seu clarim.

Este, a que cingem louros e mais heras,
 Rival d'Alcides vai com Regio Mando;
 Mas d'Astrea balança d'alta Sphera
 Os Titulares junta em Coimbra quando
 Phebo lá na Zona o Scorpião impera;
 E os Bispos de Christo venerando (34)
 P'ra em seus hombros levarem a Santa Arca
 Que o corpo d'Isabel conserva em Marca.

Por mil boças a Dama palradora
 Tanto de noite e dia caminhando;
 De *novas* ambiciosa Prégadora
 Por altas Serras vai communicando
 D'Isabel a mudança sup'iora:
 Os Povos lá de longe vem andando
 A vêr este Celeste Real Traslado,
 Que aureas zonas tem mui matizado.

Manda-se logo á custa do Regente
 As rendas do Thesouro empregar;
 Arma-se Igreja tal luzidamente
 Com rélas d'ouro vai-se abrilhantar:
 As Naves della stão ornadamente
 Fino respirando ouro a flamejar:
 Ricos brocados tecto enfeitááo
 Com formosos paineis que o esmaltááo.

Como stava de *prata hum caixão* (35)
 Que de Coimbra o Affonso bom Muiado
 Com de crystal, e na canonisação
 A Santa Isabel já lhe tinha dado;
 Por Ordem Regia ha averiguação,
 Se este em ouro poderia ser mudado;
 Que nos humbrós dos Bispos fosse andando;
 Pois velhas cahião caminhando.

Os Bispos, Provincial, e Guardiáo
 Pela Regente Dextra Commissarios,
 Ao Convento das Claras todos vão
 Para vêr do caixão o formulario:
 Ao Coro sóbem onde stava então
 E julgou-se que o tumulto Santuario
 Abrir-se precisava p'ia se vêr
 Como stava o Ataudé, e assim fazer.

Para esta alta grande obra era preciso
 A decencia, ornato, e pompa Augusta;
 Do Ceo isto se mostra ser Aviso
 P'ra Isabel s'acclamar de vida justa;
 E p'ra mais outra vez s'haver juizo
 Que de seu corpo inteiro á Fé s'ajusta:
 Titulos, Prelados, e Dignidades
 Vão c'o Chefe d'alta Universidade.

D'Outubro á vinte e tres fez-se a abertura
 Deste d'honra Celeste Santuario;
 Hum Notario vai mais p'ra Fé segura
 P'ra os vindouros Fiéis Credenciário
 E os mais convencer da Fé impura;
Artonches, e *Cerveira* cooperarios
 Da tal rico boidado o pão tirão,
 E por esta ventura ao Ceo subirão.

Porém do Mausoleo a pedra grossa,
 Que estava com betome endurecida
 Que mui bem n'huma só pedra s'engrossa
 Muito tempo custou ser desunida
 Lavancas, rodilhões, quanto Arte possa
 S'empregão: e assim bem revolvida:
 Abre-se já o Ceo: *visão beata!*
 Os Anjos lhe entoão huma *Cantata*.

O Conde Bispo stava primordial
 E por sua ordem mais os Bispos outros;
 Os Titulos, Paim, Provincial,
 Guardiães, Confessores, e estoutros
 Que Mineira laureou em Doctoral,
 Da Sé Membros erão com aqueloutros:
 Com tochas quizes estrellas lumeando,
 Para o ligneo caixão vêr venerando.

O panno de veludo carmezim
 Que tinha por *sessenta e cinco* annos (36)
 Quando *canonizada* tem Festim
 Bem inteiro se vê pelos Decanos ;
 A vista pelo vultro mostra sim
 Estar inteira Isabel sem nenhuns damnos :
 O Ceo se ria ; os Anjos entoarão ,
 Ursulas do Mosteiro hymnos cantarão. 3

O Senhor Conde, que he hum dos Mitrados
 Tira o panno ; e o vultro elles olhãvao
 E muito bem então ficão pasmados ;
 Perolas de crystal que faces lavão
 Lagrimas de ternura os põem moldados ,
 Que a seu Santo prazer os esmaltavão :
 Risonhas nuvens lá nos horizontes
 Festejão penhas mais e altos Montes.

Dentro do tumulo s'achão duas flores ,
 Que seu Nome hoje tem flores *Mosquetas*
 Frescas que bem milagre são d'amores
 Que ás Rosas de Coimbra dão graccias :
 Maravilha perpetua dos candores
 Com que Celeste cheiro s'intrometta :
 Qual por Christo a Sposa dos Cantares
 As flores lá spalhava pelos arcs. 4

O tumulo elles tomão a cetrar ;
 Deixando nelle o corpo em seu caixão ;
 Os Architetos dizem trasladar
 Que não se pôde nelle o corpo ; então
 Outro elles requerem para mudar
 Este Santo cadaver d'antemão :
 O *Paim* outro manda que se faça
 D'outra tēla rubra d'ouro em massa.

Feiro com passamanes d'ouro fito
 Por todos admirado na riqueza
 N'hum *Tarima* o põem em lugar dino
 A par do tumulto com igual alteza;
 De fronte hum bem se faz Altar Divino
 Onde esteja o caixão com bem belleza:
 Mudando-se para elle o Santo corpo
 Tendo alma no Ceo na terra morto.

Vinte forão d'Outubr'o quando Aurora
 Seu leito d'acafrão vinha mostrando;
 Delle as cortinas abre sem demora
 Seus dourados cabellos desgrenhando;
 Alvorçado Povo s'afervóra
 Feliz tal dia pois stavão sperando:
 Qual enxame d'abelhas no seu favo
 De gente enxames vão ao Ceo oitavo.

Torna-se mais a abrir da pedra a *urna*
 Presentes Bispos são e Titulares;
 E quantos allumea a luz diurna,
 A quantos bem levanta a Fama Altares;
 Das Letras Corifeo com sua turma
 Lentes, Inquisidores, Exemplares;
 Das virtudes na Sé Santos Varões
 Que na *Barca* levantão Pavilhões.

Acha-se o Ataude despregado,
 Soas taboas porém stavão enidas;
 Os prégos todos quasi acerbados,
 Da ferrugem nas taboas não comidas:
 Oh! quantos annos são os já passados
 Sem que as taboas se mostrem carcomidas!
 Quaes da Santa Arca Taboas no Deserto
 D'incorrupto pão faz Moysés aberto,

Bispos tirão-lhe tampa superior
 É a *Patm* Secretario a entregário
 A vós, ditosos Bispos, no arcedor
 Deste *Sinai* faiscas vos brilharão:
 A Moysés Taboas derão resplendor;
 Mas a vós Taboas taes illuminarão
 Ireis da Terra á Sala diamantina
 A Deos ireis cantar Canção Divina.

A celebrada colcha então tirarão,
 Que honra d'Estremuz lá os Anjos mostram;
 De côr branca que nunca annos traçarão
 Os olhos logo ao vulto claro prostrarão;
 E bem seu corpo inteiro denotarão
 Estar Isabel incorrupta mostrarão:
 Templos dando-lhe a Fama, o Évo Altares
 O Mundo seus Padrões, Stampas os Mares.

Todas inteiras stavão as mortalhas
 Como no tempo que em *Stremoz* morreo; (37)
 Quando por justa foi canonizada;
 Quando por Santa a Igreja a recebeo?
 O Povo então; Fidalgos a mãos dadas
 Tudo na Santa Fé se accendeo:
 Tocão-se nella fitas, e rosarios
 A Fé s'exalta nestes Santuarios.

Qual lá em Babilonia admiração,
 Que os tres Meninos dão pela fornalha,
 Nos Magistrados, nesta houve função
 Incombustiveis são n'ignea batalha:
 Em Coimbra d'Isabel vestidos são,
 Quaes do tempo tropheo suas mortalhas:
 Desmaios tinha o Sol, a Luz capuzes
 Estas vestes mais brilhão que estas luzes.

P'ra maior neste Povo haver clareza,
 Os Bispos, Lentes, Medicos palpáreo
 De Cirurgia os doutos na inteireza,
 Que o corpo humano tem bem averiguáreo
 Que inteiro stava o corpo com firmeza
 Em vozes elles altas entoáreo:
 Então os Bispos longas toalhas mettem
 Por baixo do corpo que vêr promettem.

O *Targa*, e *Visen* elles entráreo
 Descalços no sepulcro e sem Mantelete,
 De carnezim toalhas supplantáreo
 P'ra o corpo tirar com galhardete;
 Com toda a decencia o sópezáreo:
 Os Anjos vem então qual Ramalhete
 C'o alguns Nobres devotos Fidalgados,
 Que d'alta Lista são Padrões honrados.

Marmore tão ditoso Isabel deixa,
 Que seculos tres e meio foi morada,
 Qual Pomba que na pedra emmadeixa,
 Feliz pedra de Lisia admirada;
 Na tarima se põem gentil madeixa,
 E com tantos cristaes tão bem ornada:
 Qual de Roma alto Novo *Panteão*
 Que de Santa Maria têm brazão.

As taboás s'entregão do Ataude
 Parte da colcha em reliquias vai tudo;
 O devoto fervor para a virtude
 Sublima-se em fervor no Povo miudo;
 E todos a Isabel pedem saude;
 Os mesmos rogos faz Povo graúdo:
 Ah! de Lisia o Luzeiro amortalhado
 Em urna de cristal vai trasladado!

De vozes se levanta hum turbilhão ;
 Toda a gente quer vêr o corpo inteiro ;
 A coicha retalhar por sua mão ;
 Das mortalhas pedaços verdadeiros :
 Tanto a Fé em Isabel fez impressão ,
 Que disto furtos fazem pregoeiros ;
 Sem que á decencia, e ornato se faltasse
 Os Anjos pois então cobrem-lhe a face.

Outra vez clama o Povo que quer vêr
 Exposto o Santo corpo no Altar ;
 Tenta o *Viscu* então colcha mover ;
 Inteiros involtorios vai mostrar ,
 Que de Estremoz vierão concorrer ;
 P'ra tanto feliz Lisia s'exaltar :
 Luminosos bastantes são seus raios
 Pois sua alta visão não tem desmaios.

Livre só foi por causa do decóro
 Vêr-se a direita mão e meio braço ;
 Quando o *Viscu* mexeo no involtorio :
 Dos pobres mão smoler sem embaraço
 Ao Smoler *Viscu* dá exhortatorio :
 Clama o Povo com vozes peito d'aço
 Que sua Real Mão elle quer beijar ;
 Pois a Santa Isabel quer festejar.

Bispos, e Conselheiros, Titulos juntos
 Todo o mais que lá stava na Igreja
 Sacra Mão beijão, qual tem os defuntos
 Corpors ; onde já a vida não ardeja :
 Mão, braço, veias, nervos, e adjuntos,
 Cór natural, milagre bem voceja :
 Eter na vezes mil será memoria
 D'Isabel que ganhou alta victoria.

Dos tabellõs alguns forão tirados
 A Arte em fios d'ouro os enlaçou;
 De Terceira o cordão fios tirados
 A força não pôde que se empregou:
 Tanto quer do Chagado os sinaes dados
 Quanto Deos no Alverne os matizou:
 Mas com ferro os cortarão os devotos
 Alvorçados quaes em festos motõs.

As Ursulas (ou Cláras) inflammadas
 De sua Companheira beijar mão
 Ellas pedem em lagrimas banhadas;
 Concede-se-lhes a graça: o Ceo então
 C'os véos lhe cobre faces esmaltadas;
 E com tochas os Bispos elles vão,
 Provincial, Guardião como Ministros,
 Que lá de suas Leis tem os resistros.

As Claras se recolhem no Mosteiro
 Os Bispos então fazem Consistorio;
 Que o Santo, dizem huns, corpo inteiro
 Ao público mostrar no involtorio
 Se devia; para Fé do pregoeiro
 Clarim; com que da Fama o seu Emporio
 N'Europa se formasse hum alto brado,
 Que fosse em Portugal eternizado.

Expõem-se então o corpo amortalhado
 N'altar d'hum p'ra outro alegre dia;
 O Povo mais concorre alvorçado
 Dos Longes em festiva Romaria:
 De noite luminarias tem pintado
 Em Coimbra as Estrellas que dão goia:
 Tochas eternas mais que os Ceos fulgurão
 Que na serena noite se pendurão.

No seguinte outro dia o Bispo Conde
 De Pontifical Missa vai dizer ;
 Então o Sacramento leva aonde
 Lá no novo Convento se ha de ter :
 De tarde a Procissão que corresponde
 A esta muda tal se vai fazer ;
 P'ra Santa Isabel se trasladar
 Qual d'Obdedon a Arca em seu lugar.

Já de mil seis centos setenta e sete (38),
 Corria em Era o Astro luminar ,
 Quando vinte nove Outubro então mette
 De Phebo sua Aurora tutelar :
 Hum alto Parantifo s'intrometre
 Que do Ceo Procissão lhe vem guiar :
 Anjos por Companheiros elle traz
 E as Claras então seguir apraz.

Quaes d'Ursula ellas são dez mil Estrellas,
 Que em Isabel na *Sperança* vão viver ;
 Pois por pouco o Ceo custa recebellas
 Dos valles á montanha vão morrer ;
 Mas p'ra o Ceo rind' dava prazer vèllas,
 N'outro igual *Tabor* vão resplandecer :
 Honrosos cultos dava-lhe alta Fama
 Nos pregões do *Clarim* que a tuba chama.

Então a Procissão sahe do Convento
 Por todas Religiões condecorada ,
 Que tem Coimboa qual he d'Astrea assento,
 Com dezesete vai acompanhada ;
 Em varias alas fixas d'ornamento
 Por ser pouca a distancia da jornada :
 A's nove da manhã c'o alto pendão
 Hum Parantifo guia a Procissão.

Arronches o leva onde vai luzida
 Da Santa a Imagem d'ouro e brocados;
 De splendidas joias mui guarnecida
 Que os raios do Sol deixão desmaiados:
 Da Ponte Pai e Filho divididas
 As pontas levão predicamentados:
 Estes d'Hanibal tres imitadores
 Sempre nos lembrarão por vencedores.

Musica d'Atabales; charamelas
 Aqui marcha lhe faz harmoniosa
 Da Santa a Confraria d'opas bellas,
 Vestida sua Imagem leva airosa
 D. Fradique de Menezes parentella
 Alta, que lá do *Lima* lhe he honrosa:
 Da Irmandade a vara leva atrás
 Como Joiz Fidalgo brilho faz.

Da Cidade a bandeira tremolante
 Com Musica sonora alcatifada;
 Cabido c'os seus sceptros vai brilhante
 Setenta e quatro inais de Clara amada
 Filhas por mãos dos Anjos relevantes
 Caminhão qual da *via lactea* a strada:
 Alto Paraninfo d'humana fórma
 A' Procissão nos ares vai dar norma.

Guarnecido seu elmo d'alvas plumas
 Desatando no Sol seus fios d'ouro;
 Ao vento seu Manto em ondas summas;
 Lindo menino tal do Ceo vindouro
Jehova o mandou com argenteadas spumas
 Pra Isabel se mudar de seu *Thesouro*:
 Bate as azas, ar corta alto guião,
 Outro Sol allumêa a Procissão.

Vestidas ellas vão com pardos mantos,
 Na cabeça os véos pretos faces escondem;
 Cegava-as o recato; e Anjos Santos
 Passos lhe ensinavão; e lhe respondem
 Onde devem levar caminhos Santos
 Para o Monte Celeste aqui transpõem:
 Então pelos dois Ceos das faces bellas
 Alegria mostrava qualquer dellas.

Na direita o Provincial' hia andando,
 E na esquerda a Abbadeca caminhava,
 Chantre, Conegos vão Pallio alçando
 Os oito Titulares Forte Aljava
 Do Regente Grão Pedro por seu Mando
 D'Israel Pavilhão representava!
 Com harpas d'ouro os Anjos entoavão
 D'Isabel os louvores que alegravão.

Debaixo bem do Pallio os Bispos vão
 Chum andar, em que vai morta Isabel
 Dentro do tál argenteo calxão;
 Com forquilhas imitão d'Israel
 Sacros Levitas nesta occasião:
 De Coimbra ao Maná cõbre o dotel:
 Vivo se tira lá do Alabastro,
 Pois lá do Ceo a vida toma este Astro.

Sacerdotes com tochas a seus lados,
 De Pontifical vai o Bispo Conde,
 Doutores em Minerva capellados,
 Em duas alas coro vai aonde
 Por cabeça o Rector dá seus Mandados:
 Vereadores no lado lhe respondem:
 O Parainfo então que marchem mandava
 Regia tal Procissão e os Anjos anda.

Bem puderas tu, Sol, lá nessa altura
 Teus passos dormentar n'alta carreira;
 Bem puderas tu, Terra, atorneatura
 De teu eixo nos Pólos perguiceira
 Neste dia fazer de maior dura:
 Bem puderas tu, Lua dormideira,
 Nos valles d'*Aiallon* te demorar,
 Para tal Procissão ir de vagar.

Para vermos por mais tempo hum Thesouro
 Que o Ceo tem cá na Terra sepultado;
 Da as Leis da Natureza seu desdouro
 Da chimica os Mestres tem admirado;
 Tal Sciencia não abre tal Pelouro;
 As *Mumias* (39) o não tem inda igualado
 Nos tempos que seus Balsamos conservão
 Sem podridão lhes vir; e se preservão.

Alto Paraninfo á Montanha sóbe
 Entre tochas guiada a Procissão;
 No Atrio do Convento mal se move
 Da gente que acompanha a multidão:
 Das Claras alto coro sperar pôde
 Junto ao Altar cadaver no caixão:
 Os Bisp's no Altar o bem repousão
 O *Te Deum* cantar gostosos ousão.

N'outro dia seguinte o Sacramento
 N'outro Altar se põem ao Povo exposto;
 Missa cantar se vai por ornamento
 Do Porto o Bispo vai prégar com gosto;
 Da *Rede e Margaritas* toma o tento
 Dos Lacerdas de Reino este Proposto:
 N'outro caixão os Bispos o mettêão
 E com tres chaves bem o escondêão.

Dellas huma foi pois logo mandada,
 A Pedro que governa a Lusa gente;
 Outra ao Bispo Conde he entregada;
 E á Abbadeça vai outra reverente:
 Quaes de Pedro, as chaves d'alta entrada
 O Ceo na terra fechão refulgente:
 Então da *Esperança* a hermiã pouca era
 Mas n'hum grande Templo hoje se venera.

A *Paim* hum milagre fez então,
 Com que bem coroou os seus trabalhos:
 Cahe lá d'hum alro andaime de maião
 Nas pedras da Igreja; em retalhos
 Fazer-se podia com a contusão;
 Mas livre se levanta d'enxovalhos:
 Grato elle á Isabel dá rendimentos
 Reconhece o milagre e mais portentos.

De pedra o Mausoleo, que em vida fez
 Pra se nelle seu corpo sepultar,
 Mudado foi depois por outra vez;
 Hoje no coro baixo venerar
 Tanto assim Nobre vai, ou Camponez;
 Pois da Igreja se deixa bem mirar:
 Da Fama Templo, Anal da Eternidade
 De Coimbra Alabastro na beldade.

Já cinco quasi séculos decorrêrão
 Desde então que alto Sol fal rica os dias;
 Inda os gazes subtrís não corrómpêrão
 Este que altas guardão Jerarchias,
 Estar inteiro assim mo convencêrão
 Razões que tenho eu por Authorias:
 Pois nas oitavas mais tu bem verás,
 Leitor Amigo; e lá admiratás.

O turbulento Monstro lá do inferno
 Convoca os moradores do Profundo;
 O Negro Plutão Rei lá do Averno
 Sóbe á Europa; e assombra todo o Mundo:
 Da França o throno goza hum Rei moderno
 Em tempo a nós; astuto, e iracundo:
Engana a Portugal; mette-lhe dentro (40)
 Jacobinos soldados por seu centro.

Napoleão tal ingrato *Briareu*
 Religiões, Templos deixa profanados;
 Cruéis vem Generaes por mando seu:
 Throno, e Altar manchão seus soldados;
 Frades e Freiras fogem deste *Anteu*;
 Tudo chora, e purga seus peccados:
 Por tanto em Coimbra as Claras todas fogem
 O Mosteiro he Deserto, Anjos lhe acodem.

Mas sconded d'Isabel o corpo Santo
 Maior empenho foi e seu cuidado,
 Para que o feriz Gallo entre tanto
 Cadaver não deixasse enxovalhado;
 Não quereria o corpo, nem seu manto
 Mas de prata o caixão levar roubado:
 Os Anjos dizem então para a Abbadeça
 Que s'entaipe o caixão, e desconheça.

Então os meismos Anjos lhe mandarão
 Que o corpo d'Isabel fossem mirar
 Com decente segredo: assim obrarão
 Tal urna logo vão bem desfechar
 Com chaves que os Anjos lhe entregarão;
 Corpo inteiro bem virão de vagar;
 Segredo todas ellas bem calarão;
 Mas alto *Jehova* o fez bem revelar.

Assim se fez, e assim bem succedeo
 As pedras occultarão tal thesouro;
 Do Ceo este favor se recebeo,
 Paredes tão ditosas, pedras d'ouro;
 Com que o Ceo Isabel Santa escondeo
 Para bem se livrar do Francèz Mooro:
 Do *Cediar* as tarracas Isabel cobrem
 Onde stá Jacobinos não descobrem.

Quasi hum anno passou, (41) voltão ás Freiras
 Na era d'onze com mil e oito centos;
 Vai mudar-se o caixão por festejeiras
 Amas, criadas, mirando tal portento
 P'ra Altar Mór, do Ceo alta cadeira;
 Qual Arca do Deserto ao Regio Assento:
 Se tu com teu Basção moves os Astros,
 Deos do Ceo, tambem moves alabastros.

Vinde vós delirantes Jacobinos,
 Que do brutal systema tomais mão,
 Que negais alma ao homem, Libertinos,
 Materialistas sendo em Religião
 Lá do Mestre *Weynaut* olhando indinos
 Russó, Volter, Dideró como Alcorão:
 Oh Monstros que negais alma spiritual
 E que Eterno não ha para o mortal!

Vinde vêr incorrupto hum corpo inteito
 Ha quinhentos quasi annos que morreo;
 De Christo a Religião por verdadeiro
 Rumo de sua vida empredeio:
 D'Egypto as Mumias he hum passageiro
 Phenomeno, que a Chimica escreveo:
 O Mortal, morre, acaba, e apodrece
 Não podre; sô por Deos he que acontece.

As Mumias, os corpos embalsamados;
 Os cadaverés lá na Africa ardente
 Nos ateaes s'achão resecaados
 Sem podridão por tempos grandemente;
 Outros no frio Pólo enterçados
 Sem que podre os gangrene he certamente:
 Mas a quinhentos annos nenhum passa
 Balsamos d'Isabel não tocou Massa.

Caliope Divina do Parnaso

Da Palmeira, do Loureiro adoptada;
 Musa a quem alto Apollo deu seu prazo,
 A minha heroica Lyra stá cançada
 Tudo te tenho posto em campo raso
 Da historia de Lacerda trasladada:
 Tu me deixa alta Musa descantar;
 Pois meu Estro cançado vai finir.

O que a mim só pertence vou cantar-te
 E quantos d'Isabel favores tenho;
 Quantos annos já são que por minha Arte
 No pão de cada dia me eu empenho:
 No ultimo Sacramento tomei parte;
 Muitos Filhos foi meu alto desenho, (42)
 Com que Deos me abençoou; qual Oliveira;
 Que suas pôlas brota criadeira,

Já lá nos meus tempos d'Estudante
 Em Coimbra Isabel eu visitava;
 Sua vida lhe li com fé constante;
 Na Oração lhe pedi que desejava
 Seu amparo na vida caminhante:
 Filhos lhe dediquei quantos sperava;
 E que os protegesse eu terno pedi;
 Isto mesmo sempre eu té agora vi.

Dos sete hum em Apollo s'arraiou;
 D'Esculapia gente toma o manto,
 Na Transtagana terra s'alojou,
 Na *Cuba* lá de Béja o honra o Canto:
 Mas outro inda mais alto sublimou,
 D'Astréa alta balança péza quanto
 Senhor Principe traz-lhe encarregado
 No Moçambique, no Cuiabá dado.

Outro do Evangelista a Aguia o defende,
 C'o as azas que *Pathmos* ministrára;
 Eloy o ajuntou onde s'estende
 Este sabio Congresso que adoptára;
 Outro a Marte fui eu bem de repente
 Offerecer para a guerra Lusa amara:
 Tenente hoje de Marte (43) anda a cavallo:
 No Bussaco arrostou-se contra o Gallo.

O mais moço de Coimbra toma a vereda;
 Supplica ao Grande Apollo reverente
 Que de Medico o *Dom* bem lhe conceda
 Pra poder bem curar a Lusa gente;
 He justo pois a mim nisto succeda;
 Vio-o Isabel na Baptismal Torrente:
 No coro das Vestaes matriculadas
 Estão mais duas Filhas bem guardadas.

Musa te eu conto mais milagres dois
 Que me fez Isabel (segundo penso)
 Em dois com oito centos d'era pois
 De Setembro a dois no canal denso
 De Moçambique, ou Mojuncai depois;
 Onde o Filho Ministro soffre intenso:
 Grande Não *Marialva* s'esbandalha
 Todos quasi elles morrem na batalha.

Alta noite era, os mares empolados
 Os pelagos do vento o balançavão;
 A Lancha navegar p'ra quaesquer lados
 Mal podia; então mais ao Ceo bradavão;
 Na confusão os remos perde alados;
 Só lhe hum resta, que em Mastro elles alçavão;
 De seus fatos em véla o compuzerão
 Com que ás Furias do mar as costas derão.

Doze legoas distava Moçambique
 Que na noite seguinte elles entrarão
 Sfomeados taes nautas, que em repique
 De sinos calcão terra; então matarão
 A fome; e para que em historia fique
 A vinte e quatro homens que contarão
 Vestio, e sustentou quem governa lá
 Izidoro d'Almeida Sousa e Sá. (44)

C'os olhos lá na morie as mãos p'ra o Ceo
 O meu Filho então já desanimado,
 Descalço, meio nú, e sem chapco
 Entra; sempre em Isabel esperançado:
 Ah! Nesse dia tres qual sobre Ceo
 Em Queluz pedi ao Principe amado
 Huma smola p'ra a Imagem e Capella
 Da Santa em Condeixa (45) na Igreja bella.

Oito moedas a Alteza manda dar: (46)
 Faz-se a Imagem; orna-se com flores
 Lampadas, castiçaes, placas no Altar
 Fica em Sernache; pois contendedores
 Se m'oppuzerão; e fiz eu demandar
 P'ra a mudar a Condeixa com louvores:
 Hoje esta Igreja as ballas a arruinarão, (47)
 Que os diabos da França já mandatão.

Segundo outro milagre eu considero:
 D's minhas casas he o livramento
 Em Condeixa: e-capitão pois ao fêro
 Francez; que tudo queima tettoento,
 Por ordem de Massena outro Nero:
 Achão-se n'huma sala em corpulento
 Montão bancas, cadeiras, achas azadas
 Com bem bastante palha misturadas.

Seis mezes de Condeixa são Senhores (48)
 Todos quasi meus moveis m'arruinarão
 Jacobinos Francezes destruidores
 E do Senhor dos Passos arrastarão
 A Imagem pelo Paten taes traidores:
 De minha casa pois a desalojarão
 C'os meus livros a pizarão seus cavallos
 Furias estas d'inferno, indignos Gallos.

Potém hum grão painel que a Santa pinta (49)
 Viuva Isabel que lhe he fronteira
 A' chaminé da sala; e lhe requinta
 C'hum Menino Jesus a flor roseira;
 Hum vidro para luz, fira por cinta:
 Tudo isto elles deixão de m neira
 Que d'antes o que stava não desminta:
 Quanto o Ceo pois me tem favorecido
 A Deos por Isabel tenho attribuido.

Em fim, Musa, recolhe-te a teu Monte
 Remonta-te bem lá ao teu Parnaso
 Calicpe Dea os que em leda fronte
 Do sabio Apollq tomas o teu prazo
 Tu nos yers is; mas eu na outra fonte
 Que a Medicina dá por altro vaso:
 Ha só hum Deos maior que aos Coos creou
 E que Mexico lá me desinou.

E vós Grande Isabel Rainha Santa ,
 Que a Portugal bem dais maior luzeiro ,
 Os passos illustrai a quem vos canta
 Vossos Annaes; e que he delles pregoeiro:
 Illustrai Casa Real nossa Atlanta
 Firme na Fé de Christo verdadeiro:
 A vossos Reaes Netos que hoje reinão
 Dai-lhe a mão, pois na Fé em vós bem teimão.

Pia recebei meus taes holocaustos,
 Que do centro cá d'alma vos exponho;
 Minhas vozes ouvi, meus Cantos faustos
 C'o plectro humilde as claves que cõponho;
 Se o vosso Nome invocão os meus Aytos,
 Só por vos eu chamar em vós Fé ponho:
 Recebei p'ra ficar n'alta Memoria
 Meu Canto por clarim de vossa historia.

Cantava em Grandola a 15 de Março de 1815.

Protesto que as licenciosas ficções, de que uso
 neste Poema, são para sómente enfeitar sua bel-
 leza: Tudo o mais sujeito ás infalliveis decisões
 da Igreja de Jesus Christo Nosso Senhor e Salva-
 dor, parecendo-me que não offendo aos bons cos-
 tumes.

José Manoel Chaves.

SONETO

AO PRINCIPE REGENTE N. SENHOR.

Feito em 1808 pelo Author, conjecturando que não ficaria expulso do seu Reino por se retirar para o Brazil; fundado na Fé que tem com a Rainha Santa Isabel; e publicado em Grando-la nesse tempo.

„ **P**rincipe! Augusto Ramo de Bragança;
 Vós Sois d' Isabel Santa hum alto Néto;
 Do Grão Jobóva cumpristeis o Decreto,
 Que vossa Avó. vos lêo com esperança.

„ Penso que Lisia não terá mudança
 Nem se passará d'hum p'ra outro Scéptro,
 Nem perdereis de Rei o Epitétto,
 Por mais que a fatal róda álce a Balança.

„ Em socego repousa; mas á Avó óra,
 Que lá d'alta Coimbra te procure
 Segurança do Throno que s'explóra.

„ E p'ra que este meu verso mais s'apure:
 Em Profetico vôo digo agora
 = O Provença virá que to segure, =

NOTAS.

- (1) Bragança.
- (2) Quando veio em 1808 o Exercito enviado por Napoleão por traição.
- (3) Era o de S. Francisco junto á Ponte de baixo então do presente.
- (4) Diz a historia na pag. 152, que o Rei vio as moedas convertidas em flores.
- (5) A historia diz que passando huma mulher com rosas a Santa Ihas pedio, e deo por paga aos Pedreiros; estas se formááo em dinheiro, pag. 188.
- (6) Ha indicios ser a Imagem de Ourique.
- (7) Cedat et auriferi ripa beata Tagi. *Ovid. L. 1.*
- (8) Cæta e Julia, Tias paternas, Remigio, monge no Mosteiro de *Celis*.
- (9) Em tempo dos Godos, em que as Religiosas oáo professaváo clausura; e menos as *Recolhidas* como Iria.
- (10) Consta que as ondas do Têjo se abríáo para passar a Rainha Santa a vêr o sepulero de baixo d'agoa, onde hoje se vê a columna.
- (11) *Hei Tagus Irenæ sacro legit ossa sepuloro;
Quæ ut virgo Martyr fulget in Arce Poli.*
- (12) Está hoje no coro baixo da Igreja de S. Clara; e no Altar Mór está o Santo corpo inteito em caixão de prata, onde se visita.
- (13) Consta que por meio do bordão fez subir o Mausoléáo ao coro, que inda hoje se vê no Convento velho.
- (14) Assim o diz a 5.^a e 6.^a Lição do Breviário Romano; onde se vêem canonizados varios milagres, o que podem vêr os Leitores.
- (15) Morreo em 4 de Julho de 1336.

- (16) As palavras = Maria Mater gratiæ etc.
 (17) No dia 12 de Julho 9 dias depois da morte, e incorrupta ainda.
 (18) Nutrices = Ainda hoje se conserva esta devoção em Coimbra : fazem *oblatas* de galinhas brancas á Santa Rainha as mulheres de leite para lhes não faltar.
 (19) *Elisabella jacet sacro hoc Regina sepulcro ;
 Quæ méritis nitidi fulger in Arce Poli.
 Nempe ita dum vixit , cæco se gessit in Orbe ;
 Virtute ut morum vixerit omne genus :
 Quo fit , ut a Summo Diva hæc selecta Tonante*

Regnet ; et Angelico nos juvet usque choro.

Outro com letras d'ouro , e antigos caracteres á parte da cabeceira do sepulcro

Era 1336 die quarta mensis Julii in Castro de Estremoz obiit inclita Domina Elisabetha Regina Portugalix ; et fuit sepultra duodecima die dicti mensis in hoc Monasterio Sanctæ Claræ , quod ipsamet fieri jussit , et dotavit ; et fuit uxor Domini Dionisii Illustrissimi Regis Portugalix ; et Filia Regis Domini Petri de Aragonia , et Regina Domnæ Constançæ , atque Mater Domini Alphonsi Regis Portugalix , et Domnæ Constançæ Regina Castellæ ; fuitque Avia Regis Domini Alphonsi de Castella , et Regina Domnæ Mariæ uxoris suæ ; hos honoravit , eis benedixit , cujus anima requiescat in pace.

(20) Das Pessoas que virão inteiro o Santo corpo, e depois destes o Povo.

Os tres Commissarios = o Padre Mestre Francisco Soates, Jesuita, Lente de Prima em Theologia = o Padre Fr. Egidio da Apresentação, dos Eremitas de S. Agostinho, Lente Jubilado na Ca-

deira de Vespera = o Doutor João de Carvalho, Lente de Leis no Digesto velho, Procuradores Deputados por ElRei para aquella causa = o Doutor Balthazar d'Azevedo, Fysico Mór, Lente de Prima em Medicina = o Doutor Antonio Sebastião, Medico, e Gonçalo Dias, Cirurgião, chamados para pelo testemunho dos peritos se fazer a prova da incorrupção = o Reitor da Universidade João Coutinho, que depois foi Bispo do Algarve, de Lamego, e Arcebispo de Evora = o Inquisidor Gaspar Borges d'Azevedo = o Doutor Francisco Pereira, Deão da Sé = o Padre Antonio Monteiro, Prior de S. João = o Padre Guardião do Convento de S. Francisco da Ponte = o Padre Manoel de Leiria, Reitor da Companhia de Jesus = os Padres João Delgado, e Manoel Palmeiro, da mesma.

(21) Em 1808, em que foi a velhaca invasão de Bonaparte em Portugal.

(22) As coroas civicas são de carvalho entre os Gentios; mais preciosas que as d'ouro.

(23) Os Almadas de Portugal descendem d'Inglaterra; vierão livrar Lisboa dos Mouros com o Guilherme de longa espada: hoje tem titulo de Condes.

(24) Deste ramo de *Sás Pereiras* de Condeixa, sahirão os Titulos d'hoje Barão e Visconde d'Alverca, e Visconde e Conde d'Anadia, ultimo João Rodrigues de Sá Pereira Menezes Souto Mañor, fallecido no Rio de Janeiro em 1812.

(25) A Letra = Quem defende esta coroa
Mui certa tem a victoria
Pois defende minha gloria.

(26) Os Aventureiros são = João da Silva de Castro = Estacio de Sá de Miranda = Rodrigo de

Albuquerque = João Aranha Chaves = Bartholomeu de Sá = Francisco Amado Varella = Christovão de Sá Pereira = Heitor de Sá Pereira = Sebastião de Sá de Miranda = Bento da Cunha Pestrello = Marçal de Macedo = Ayres Gil de Miranda = Francisco Vaz Pestrello = Antonio de Sá.

(27) A torre das 5 quinas em Coimbra a vi demolir em 1774 para se fazer em seu lugar junto ao Arco de S. Jeronymo o Observatorio Mathematico (hoje no pateo da Universidade): contou-me que no alicerce fora achada huma pedra com este letreiro = *Herculea manu fundata quinaris turris* = o certo he que só á força de agudos instrumentos se desfez: a Arte do argramasso dos Gentios perdeu-se: o mesmo em Condeixa a velha; seria azeite?

(28) Trasladação em 1677.

(29) 1513.

(30) 1132.

(31) Fidalgos Godos são o Oriente dos Menezes de Portugal.

(32) 1649.

(33) Consta que o Senhor Rei D. Pedro foi homem d'excessivas forças.

(34) Os Bispos = de Coimbra = Lamego = Viseu = Porto = Targa = Pernambuco = Miranda = os Titulares = Cerveira = Miranda = Prado = Figueiró = Oriôla = Ponte = Soutre = Aveiras = Feira.

(35) Castou então vinte mil cruzados.

(36) Em 1612.

(37) Havia então 341 annos que era morta.

(38) Dia de sua Trasladação do Convento velho para o novo em Coimbra.

(39) Com certeza nenhuma excedeo a 400 annos, e S. Isabel não foi embalsamada.

(40) Em 1808.

(41) Lisongeio-me de dizer que na volta de recolhêrão as Freiras Religiosas nas minhas casas de Condeixa.

(42) Vivem 7, e 10 estão no Ceo; pois morrerão antes do seu 5.º anno.

(43) No Brazil em Cuiabá.

(44) Era a Náo da India, em que morrerão mais de cem pessoas, e as que escapirão forão estas vinte e quatro da Officialidade, e o Ouvidor José Felix Pózier Lamas; as outras mais s'escapãrão na jangada, fortando os dinheiros do cofre, e aportando á Costa ahi forão tomados pelos Negros, e remetidos prezos para Moçambique; o Ouvidor morreu dahi a hum annõ; então tomou posse da Ouvidoria o meu Filho, justtamente com o despacho de Secretario do Governo, e Auditor Geral das Tropas, que já levava para aquella Colonia: donde sahio para o Logar de Juiz de Fora de Cuiabá, onde hoje existe como Ouvidor, em 1819.

(45) Onde foi Medico; a Igreja estava feita no tempo do Senhor Rei D. Manoel, e tinha tuma Capella de S. Sebastião indecente; e por isso prohibida para nella se dizer Missa; hasta quiz eu collocar a Imagem da Rainha Santa, reformando-a; e principiei com alguma despeza; mas certas contendas me obrigãrão a deixalla na Igreja de Sernache, onde está, não se sentenciando na Camera Ecclesiastica o ponto contra o Prior Francisco Xavier de Moraes, que a não quiz largar.

(46) Em 1812 se collocou na Igreja Matriz de Grandola outra Imagem de S. Isabel vestida de Rainha no Altar de S. Antonio á custa de algumas esmolas que o Author devoto pedio á No-

breza daquelle Villa, que empregou em adreços, habiro grande de Christo, M. do Real, etc., e hoje 11 de Abril de 1819 vestio outro novo manto de seda que deo o Reverendo Prior José Correa Baptista Cordeiro.

(47) Fôí demolida a Igreja de Condeixa á força de grossa artilheria pelos Francezes em 1811, na retirada de *Massena* General, deixando as *Linhas* de campanha junto a Lisboa, que não pôde penetrar; esta Igreja estava grandemente renovada de *estruques*, e gradarias pelo (defunto) Barão d'Alverca João Antonio de Sá Pereira, e juntamente lhe incendiárão seu grande Palacio ahí contiguo.

(48) Nos mezes que estiverão nas Linhas, e vagavão livres até S. Clara de Coimbra; he de admirar que nunca entrassem nesta Cidade. Esta Imagem era do primeiro Passo na parede das minhas casas; e se guardava nellas; a minha restante Familia fugio repentinamente.

(49) Foi huma cousa que me elevou a consideração: este grande painel assim ornado, e que me havia dado D. Antonia, viuva, havia annos, ficou como d'antes estava sem lhe fazer ornato algum; quando moveis de maior vulto forão despedaçados; disto fiz lançar noticia na Gazeta de Maio ou Junho de 1811 em anonymo: este painel se tem em veneração; e talvez venha tempo que sirva de pedestal a outro projecto; pois se conserva, e conservará.

I N D I C E.

N ascimento da Rainha Santa Isabel em 1271 - - - - - pag.	7
O Senhor Rei D. Diniz de Portugal a pediu em casamento - - - - -	9
Por tres Embaixadores a seu Pai D. Pedro Rei d'Aragão - - - - -	10
Despedio-se de seus Pais; chega a Bragança	12
Chega a Coimbra, havendo-se casado em Trancoso - - - - -	14
Vida penitente, e mortificada - - - - -	15
Falso testemunho do Pagem do Rei; e sua morte no fogo do forno da cal - - - - -	19
Luta o Rei com hum urso em os Montes de Béja - - - - -	22
Desordens entre o Senhor Rei Diniz, e Reis d'Hespanha - - - - -	23
Ermittão mysterioso em Pontevel - - - - -	ib.
Fundação do primeiro Convento de S. Clara de Coimbra junto á Ponte, de que hoje não ha vestigios - - - - -	25
Milagre das rosas convertidas em moedas em Coimbra - - - - -	27
Guerras do Filho o Senhor D. Affonso com seu Pai o Senhor D. Diniz - - - - -	ib.
Festa d'Imperador instituida pela Pascoa do Espirito Santo, quando foi degradada para Alequer - - - - -	29
Milagre segundo das rosas convertidas em moedas ahi - - - - -	ib.
Guerras mais entre o Filho, e o Pai - - - - -	30
; . . . Em Coimbra, Lumiar, Alvalade, Santarem - - - - -	ib.

Testamento do Senhor Rei D. Diniz - - -	34
Visita a S. Iria, em Santarém, junto ao Têjo	35
Historia de S. Iria, e o milagre Santo - -	36
Vestaes d'antiga Roma em Chellas de Lisboa	41
Morto o Senhor Rei D. Diniz recolhe-se a Rainha Santa ao Convento de S. Clara, que havia fundado - - - - -	ib.
Vai a S. Thiago de Galliza - - - - -	42
Vida austérea no Convento - - - - -	45
Manda fazer de pedra seu grande Mausoleo	ib.
Por virtude do seu bordão ella só levanta o Mausoleo ao coro da Igreja - - - - -	47
Doações ao Convento - - - - -	48
Segunda Romária a S. Thiago, pedindo es- molas - - - - -	50
Morte da Rainha Santa em 1336 - - - - -	ib.
Sahe seu corpo d'Estremoz para Coimbra acompanhado por seu Filho - - - - -	54
Não s'embalçamou nem lhe tirááo as entra- nhas - - - - -	55
Milagres nesta jornada, e chegada a Coim- bra - - - - -	59
Nove dias se mostra incorrupta antes de se- pultar-se no seu tumulo - - - - -	58
Arma-se o inferno contra a Abbadeça - -	66
Beatificação pedida pelo Senhor Rei D. Ma- noel - - - - -	68
O Senhor Rei D. Sebastião principia a pedir a canonisação - - - - -	69
O Senhor Rei Felippe Terceiro a conseguiu	ib.
Inscripções antigas junto ao Mausoleo - -	70
Pessoas que pela canonisação viráo o Santo corpo - - - - -	124
Viráo-se inteiras as mortalhas que trouxe de Estremoz - - - - -	70

Caixão de prata feiro pelo Bispo de Coimbra D. Affonso de Castello Branco, em que se dispendêrão vinte mil cruzados - - -	73
Canonisação em Roma com pomposo appa- rato do vaticano, e Festas nas Praças - -	75
Levanta-se o inferno contra o Papa - - -	77
Festas nunca taes vistas em Coimbra - - -	78
. As do Excellentissimo Bispo - - -	79
. As da Cidade - - - - -	94
. As da Real Universidade - - -	95
. As de Felipe quarto em Madrid	ib.
Trasladação do inteiro corpo da Rainha Santa Acha-se inteiro com as mesmas mortalhas em 1677, assim como na canonisação se achou em 1612 - - - - -	96
Vem hum Secretario d'Estado, 7 Bispos, 9 Titulos - - - - -	101
Reliquias de seus involtorios que se reparti- rão - - - - -	107
Povo que a via inteira, Bispos, Titulos, e Freiras - - - - -	108
Procissão na Trasladação do Santo corpo do Convento velho para o d'hoje no Monte da Esperança, defronte de Coimbra - - -	110
Hum Parainfo governa a Procissão; os An- jos acompanhão - - - - -	113
O Senhor Rei D. Pedro Segundo (então Re- gente deste Reino) conclue a obra da Tras- ladação - - - - -	114
Milagre ao Secretatio d'Estado Roque Mon- teiro Paim - - - - -	ib.
Argumento invencivel contra a obstinação dos Judeos, e Jacobinos - - - - -	116
Favores da Rainha Santa ao davoto Author deste Poema - - - - -	117

Está inda hoje inteiro o Santo corpo - - -	115
Painei da Rainha Santa com seus adornos isen- to dos enxovalhos dos Jacobinos nas casas do Author em Condeixa - - - - -	120
Protesto do Author - - - - -	121
Soneto ao Principe Regente Nosso Senhor feito em 1808 pelo Author - - - - -	122

E R R A T A S.

Erros Emendas

pág.	vers.		
3	4	Sal mihi	Sat mihi
4	22	Inda verás Isabel	Isabel ter
		Ler	
22	1	Mas Diniz	Mas Deos quer a Di- niz
23	13	Iberica	Ibera
25	2	Polo seu	Pelo seu
30	10	fora	forão
35	25	. . . dnara meu	meus
37	20	Das <i>humenides</i>	Eumenides
38	26	De sepulcro	Deste
49	20	Seia destruidora	Séca
55	30	sido tem o mos- trário	tem que o mostrário
69	25	João	Sóao
70	3	Doutores	Doutorães
94	28	Audalia	Acidalia
97	21	Conventos	Convento
98	19	Adoptão	Adoptário
102	19	Com de cristal	Com seus cristais
103	24	Entoio	Entoio
112	3	Anjos Santos	Anjos tantos
116	21	Weynaot	Weypsaut
120	27	Deo os que	Dea-que

